



MERLINA ESTER BERNARDINO CORREIA TAVARES

Licenciatura em Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses

Tema:

Entre a escola, a comunidade e a família: estratégias para a optimização do processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa no 1º ciclo do Ensino Secundário



MERLINA ESTER BERNARDINO CORREIA TAVARES

Licenciatura em Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses

Tema:

Entre a escola, a comunidade e a família: estratégias para a optimização do processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa no 1º ciclo do Ensino Secundário

Trabalho científico apresentado à Universidade de Cabo Verde para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciatura em Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses, realizada sob a orientação científica da Mestre Amélia Gomes.

UNI-CV, Março de 2011

O Júri:

Presidente _____

Arguente _____

Orientadora _____

Cidade da Praia, _____, de _____ de 2011.

DEDICATÓRIA

*Dedico esta dissertação à minha filha **Silviane Tavares** que mesmo sendo ainda tão pequenina, vivenciou os meus momentos de ausência e de refúgio.*

*E ao meu amigo e amado, **Silvino Tavares**, que soube com as suas palavras, me acalantar e encorajar-me nos momentos mais difíceis desta caminhada.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, principalmente, à minha sobrinha, **Ana Júlia Moreno**, que teve que assumir o meu lar e a minha filha, em todos os momentos do último ano da minha licenciatura. Eternamente lhe serei grata pelo exemplo, carinho, aconchego e amor.

Ao meu marido, **Silvino Tavares**, que me deu apoio e força nos momentos de cansaço proporcionando-me boas risadas, alegrias e muitas “bobagens”. Ele soube transformar o meu cansaço em diversão. Por isso, agradeço-lhe de coração.

Aos meus irmãos, **Florabela** e **Sidney**, que me apoiaram e souberam entender a minha ausência. Fizeram-me ver que a família é o maior bem que podemos ter e, por isso, agradeço-lhes muito.

À minha querida orientadora **Amélia Gomes**, que se tornou mãe, amiga e conselheira. Muito obrigada pela paciência e dedicação constante. Com você, aprendi que o relacionamento orientador-orientando é fundamental para a realização de conquistas. Não tenho palavras para lhe agradecer pelo carinho com que ficava debruçada sobre o meu trabalho.

Você é um exemplo de orientadora!

Aos amigos que conquistei durante a licenciatura, especialmente, **Maria do Carmo, Katelyne, Estêvão, Deontina, Dora, Ângela e Leila**. Meus eternos agradecimentos.

Aos **professores de LP do Liceu Amílcar Cabral** que se dispuseram a participar nesta pesquisa. Os seus relatos foram essenciais para a realização desta investigação.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
CAPITULO I – OS FACTORES CONDICIONANTES DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA	10
1.1 Caracterização do contexto sociolinguístico e pedagógico-didático.....	10
1.2 A desmotivação dos alunos.....	14
1.3 O perfil dos professores e da escola.....	15
1.4 A inter-relação entre a escola, a família e a comunidade no processo ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa no ES.....	16
1.4.1 A importância da relação entre a escola e a comunidade no sucesso do ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa	16
1.4.2 A importância da relação entre a escola e a família no ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.....	18
1.4.3 Factores que condicionam a construção de parcerias entre escolas, famílias e comunidade.....	22
1.4.4 A importância das parcerias entre escola e comunidade no ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.....	23
1.4.5 Propostas de estratégias de aproximação entre a escola e a comunidade.....	24
CAPÍTULO II - DA TEORIA À PRÁTICA	27
2. Apresentação.....	27
2.1 Caracterização do contexto de intervenção.....	27
2.1.1 Caracterização do corpo discente, docente e não docente.....	28
2.2 Caracterização do público-alvo	29
2.3 Metodologia e caracterização dos instrumentos de recolha dos dados.....	31
2.4 Análise e interpretação dos dados.....	32
2.4.1 Dados dos alunos.....	32
2.4.2 Dados dos professores.....	38
2.4.3 Dados dos pais e encarregados de educação.....	50
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	61
ANEXOS	64

ÍNDICE DOS GRÁFICOS

Gráfico 1 - Habilitações literárias dos pais e encarregados de educação dos alunos inquiridos.....	31
Gráfico 2-Ocupação profissional.....	32
Gráfico 3 - Habilitações literárias dos pais e encarregados de educação inquiridos.....	33
Gráfico 4 - Participação dos pais e encarregados de educação nas actividades escolares.....	34
Gráfico 5 -Desempenho dos alunos na disciplina de LP.....	35
Gráfico 6 - Desempenho dos alunos em diferentes competências da LP.....	35
Gráfico 7 - Circunstância do uso da Língua Portuguesa pelo professor	36
Gráfico 8 - Circunstância do uso da Língua Cabo-verdiana pelo professor	37
Gráfico 9 - Relação professor/aluno	38
Gráfico 10 - Ida dos docentes à casa dos discentes	38
Gráfico 11 -Dificuldades nas competências de LP	40
Gráfico 12 - Condições que levam os pais e encarregados de educação à escola	42
Gráfico 13 - Circunstâncias que levam os pais e encarregados de educação à escola	42
Gráfico 14 - Circunstâncias que levam os pais e encarregados de educação à escola	43
Gráfico 15 - As competências em que os educando apresentam maiores dificuldades	51
Gráfico 16 - Deslocação dos pais e encarregados de educação à escola	52
Gráfico 17 - Condições em que se dirigem à escola	53
Gráfico 18 - Motivos da ida à escola	53

INTRODUÇÃO

O presente trabalho enquadra-se no âmbito do curso Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses, e tem como tema *“Entre a escola, a comunidade e a família: estratégias para a optimização do processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa no 1º ciclo do Ensino Secundário”*.

Tomando em consideração que as competências comunicativas são essenciais na vida do indivíduo, principalmente no exercício da cidadania, entende-se que para além dos professores de Língua Portuguesa, a escola, a comunidade e a família devem dar o seu contributo para o seu desenvolvimento.

A escolha deste tema foi motivada pelo interesse em trabalhar um tema da área da Didáctica, e também porque a investigadora, enquanto docente da disciplina de Língua Portuguesa (LP) no Ensino Secundário no Liceu Amílcar Cabral, vem notando pouco envolvimento da escola, dos professores, da comunidade e da família nos assuntos escolares. Com efeito, nota-se que raros são os pais e/ou encarregados de educação que se deslocam à escola para se inteirarem da situação dos seus educandos. Há uma extrema carência de atenção, por parte de alguns familiares, aos problemas que os alunos enfrentam, apesar de existir muitas dificuldades na aprendizagem da Língua Portuguesa. Verifica-se que a maioria dos alunos têm pouco domínio oral e escrito dessa língua e que não é capaz de falá-la sem que haja interferência da Língua Cabo-verdiana; há pouco empenho dos alunos (da maioria) em estudá-la e verifica-se, às vezes, que há falta de motivação tanto dos professores como dos alunos.

Em relação aos alunos, pensámos que o obstáculo se instala no instrumento de comunicação, sobretudo porque são confrontados com mais do que uma língua de comunicação, a portuguesa e a cabo-verdiana, no contexto escolar. Eles aprendem a sua língua materna em casa, com os seus familiares, e ao chegar a idade de frequentar a escola deparam com uma outra língua. Sabe-se que muitos alunos entram em contacto com a Língua Portuguesa antes da entrada na escola através dos meios de comunicação social. Porém, é diferente quando se tem de aprendê-la e de a usá-la na escola com os professores com os colegas na sala de aula.

Se ao menos a Língua Portuguesa fosse praticada em todas as circunstâncias nas escolas, mesmo dentro das salas de aulas em todas as disciplinas, se os pais empenhassem no

ensino dessa língua aos seus filhos já seria um bom contributo para a sua aprendizagem e o processo de ensino e aprendizagem podia estar facilitado.

Um outro problema que se levanta é a atitude dos professores na sala de aula, principalmente dos que usam a Língua Cabo-Verdiana (LCV) para explicar os conteúdos, quando se poderia usar a Língua Portuguesa que é a língua de ensino em Cabo Verde. Para além disso, verifica-se que os professores das outras disciplinas deixam ao encargo dos professores da Língua Portuguesa o zelo pelo uso e correcção da referida língua. A escola, por sua vez, foge a regra esquecendo-se de que ela é uma instituição onde se ensina, se educa, e que por este motivo deve ser o exemplo a seguir. Esta instituição pouco ou nada faz no sentido de envolver a família e a comunidade na resolução dos problemas escolares.

Face a este problema decidiu-se debruçar sobre o referido tema no sentido de chamar atenção aos agentes educativos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem sobre esta problemática, reflectindo sobre ela, com intuito de encontrar soluções adequadas para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa.

Pretende-se com este trabalho compreender as relações entre a escola, a comunidade e a família e procurar estratégias de promoção de igualdade de oportunidades, assuntos, que são muito debatidos actualmente e que deviam ser levados em conta quando se traça a política educativa. As referidas estratégias podiam contribuir para a superação das desigualdades, na medida em que podem ser criadas condições a nível da escola, da comunidade e da família, com vista a promover o desenvolvimento da competência comunicativa do indivíduo, principalmente, dos que não têm condições para a adquirir de forma adequada.

Levando em conta os problemas colocados espera-se como este trabalho atingir os seguintes objectivos:

Objectivos Gerais:

- Conhecer o desempenho dos alunos e dos professores do 1º ciclo na referida disciplina;
- Saber se há uma preocupação dos pais e encarregados de educação com assuntos escolares;
- Conhecer os motivos da ausência da comunidade nos assuntos escolares;
- Conhecer os resultados da colaboração dos professores de Língua Portuguesa e dos pais e encarregados de educação.

Objectivos Específicos:

- Informar sobre a importância da aproximação da comunidade à escola como um bem favorável para o sucesso do ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa;
- Reflectir sobre os deveres e responsabilidades educativos que devem ser assumidos pelos professores, alunos, pais e encarregados de educação;
- Identificar as causas do fracasso e sucesso dos alunos na disciplina de Português;
- Analisar o grau de envolvimento da escola, família e comunidade nos problemas de ensino e aprendizagem de LP;
- Verificar as implicações deste envolvimento;
- Apresentar propostas de actividades e estratégias de optimização do processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa no 1º ciclo de escolaridade.

Para a efectivação dos objectivos propostos teve-se a preocupação de escolher a metodologia mais ajustada ao estudo.

Assim, para enquadramento teórico, fez-se uma revisão bibliográfica relacionada com o tema em estudo. Para a parte empírica, recorreu-se ao inquérito por questionário aplicados aos alunos do 1º ciclo do Liceu Amílcar Cabral na Cidade de Assomada, aos respectivos professores e aos pais e/ou encarregados de educação. Após a recolha dos dados procedeu-se ao seu tratamento para depois se apresentar o resultado do estudo.

O trabalho está estruturado em dois capítulos. O primeiro é dedicado à fundamentação teórica, onde se apresenta, de forma sistemática, as diversas contribuições do tema e algumas causas que estão na base das dificuldades de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa. O segundo capítulo apresenta-se a análise e os resultados da investigação empírica, levada a cabo pela investigadora, no domínio das dificuldades de aprendizagem na Língua Portuguesa, tal como se descreve na metodologia.

Por último, aponta-se as principais conclusões desta investigação, as referências bibliográficas e por fim os anexos, onde são colocados os exemplares dos questionários aplicados aos alunos, professores, pais e encarregados de educação e alguns instrumentos usados no tratamento dos dados.

CAPITULO I – OS FACTORES CONDICIONANTES DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

Neste capítulo apresenta-se uma breve reflexão sobre os aspectos relacionados com o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa em Cabo Verde mais precisamente sobre os factores condicionantes do seu ensino e aprendizagem; a importância da inter-relação entre a escola, a família e a comunidade para uma acção educativa promovida pelas mesmas, levando em consideração a importância da prática da Língua Portuguesa na sala de aula e fora dela objectivando obter a formação integrada dos indivíduos, o desenvolvimento linguístico do cidadão e, conseqüentemente, a aprendizagem eficaz de modo a responder as demandas linguísticas e educativas.

1.1 Caracterização do contexto sociolinguístico e pedagógico-didáctico

Em Cabo Verde coexistem duas línguas de comunicação: a Portuguesa e a Cabo-Verdiana. Todavia, elas assumem estatutos e funções diferentes. A primeira constitui a língua oficial e conseqüentemente a língua segunda, de comunicação formal e de escolarização.

No que diz respeito ao seu uso, Lobo (2008) afirma que

“enquanto língua oficial, é utilizada na comunicação social, nos serviços administrativos, nos momentos formais de comunicação, nos meios de comunicação, mas, já nem sequer preenche em exclusividade a programação televisiva ou radiofónica, nem os textos da imprensa. Muitos falantes utilizam-na como sendo a língua materna, mas, há aqueles que só entram em contacto com ela no momento de irem para a escola.

Ainda, decorrente deste estatuto, a Língua Portuguesa constitui código de comunicação em situações formais de comunicação e objecto de estudo. Como disciplina faz parte do plano de estudo cabo-verdiano do 1º ao 12º anos. Também é o veículo do ensino e aprendizagem das outras disciplinas.”

A mesma autora (op. cit.) afirma que o seu estudo e uso durante doze anos, visa contribuir para um alargamento dos números de falantes que acabam por ter acesso à ela, através da escola, do “input” recebido através dos meios de comunicação e no recinto escolar, fornecendo-lhes os instrumentos que lhes permitem adquirir a capacidade de expressão na mesma língua quer oralmente, quer através da escrita. Mas, a falta desse “input”, as dificuldades dos professores, dos programas, dos manuais, das metodologias do ensino, dos alunos, da escola, da família, da comunidade implicam a ocorrência de deficiências na sua própria aquisição e, conseqüentemente, no seu processo de ensino/aprendizagem. Com efeito, por existir muitas dificuldades na aprendizagem da Língua Portuguesa, nomeadamente no que diz respeito à espontaneidade em falar, à leitura, à escrita e aos outros domínios da língua, a maioria não é capaz de produzir um discurso coerente e coeso do início ao fim sem que haja interferência do crioulo; persiste pouco desempenho dos alunos (da maioria) em aprender e dedicar-se aos estudos e verifica-se, às vezes, que há falta de motivação tanto dos professores como dos alunos.

Para além disso, Moreira (2007:13) afirma que no contexto cabo-verdiano

“as crianças aprendem-na quando entram no sistema educativo. Porém, a grande maioria das crianças cabo-verdianas não a utiliza na sua vida quotidiana, seja no meio familiar, seja na comunidade local. Utiliza-a exclusivamente na escola, espaço institucionalizado de vivência e de convivência com a mesma. Mesmo assim, isto acontece apenas na sala de aula, que parece ser o lugar privilegiado para o seu uso”

porque, segundo Morais (2000:30),

“verifica-se que fora da sala de aula, professores, alunos e funcionários falam crioulo (a língua materna dos cabo-verdianos). É plausível questionar se a fronteira entre o espaço exterior e interior à sala de aula, em qualquer nível de ensino, produz, efectivamente, a passagem para o outro idioma, legalmente, pelo menos para já, apenas o português.”

Para além desses problemas identificados, Gomes (2008) disse que

“em relação aos alunos o obstáculo se instala no instrumento de comunicação, sobretudo porque são confrontados com mais do que uma língua de comunicação, a Portuguesa e a Cabo-verdiana no contexto escolar. A criança aprende a sua língua materna em casa com os seus familiares e ao chegar a idade de frequentar a escola elas deparam com uma outra língua.”

No que diz respeito aos docentes das outras disciplinas, estes muitas vezes deixam ao encargo dos professores da Língua Portuguesa o zelo pelo uso e correcção da referida língua.

É necessário que o trabalho do professor esteja concentrado no aluno e sobre as suas necessidades de aprendizagem.

Nota-se que se a Língua Oficial fosse usada em todas as circunstâncias nas escolas, nas aulas em todas as disciplinas, a sua aprendizagem seria mais eficaz, dado que os alunos teriam mais oportunidade para a prática.

Em relação à família, sem dúvida, se os pais empenhassem melhor em dar os seus contributos para o ensino e aprendizagem da referida língua, criando condições para a prática da leitura, da fala e da escrita em casa, seria um bom complemento da aprendizagem escolar. Pode-se fazer a mesma reclamação em relação à comunidade. Mas, ressalva-se, neste caso, este agente, na medida em que ele pode não estar capacitado para este fim. Por isso, a iniciativa de envolvê-la na rentabilização do processo de ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa devia partir da escola.

Em Cabo Verde, o facto de o contacto de alguns alunos com a Língua Portuguesa só se ocorrer nas escolas agrava a situação da sua aprendizagem. Para além deste factor e dos outros supracitados, existem ainda outros que contribuem para o fracasso do ensino/aprendizagem dessa Língua Alvo, que ainda não foram referidos. Lobo (op. cit.), por exemplo, aponta factores relacionados com a capacitação dos docentes e com as condições infraestruturais, económicas, sócio-culturais, logísticas e pedagógico-didácticas. Ela ainda faz referência ao fraco domínio da Língua Portuguesa por parte de vários docentes, dado que muitos não têm uma sólida e boa preparação profissional e académica na área; à carência da comunicação social e a falta de electricidade em muitos lugares dificultam o desenvolvimento da aprendizagem por parte dos alunos; à própria configuração da sala de aula; aos números elevados dos alunos ali presentes; ao quadro inadequado; aos pais, analfabetos ou então com baixo nível de escolaridade, que não conseguem acompanhar os filhos no percurso escolar; ao programa que foge à realidade cabo-verdiana e o insuficiente números de horas dispensadas à prática da língua aos nossos professores de Língua Portuguesa, entre outros, são os obstáculos que guarnecem e dificultam a aprendizagem. No entanto, este último factor mencionado será recompensado se o ensino for centrado no aluno, se o professor der mais oportunidade ao aluno para a prática e se interiorizarem o princípio de que todas as disciplinas constituem espaços e ocasiões de ensino/aprendizagem da referida língua.

Em relação aos factores relacionados com o contacto de línguas e com a metodologia de ensino, Brito (2000) apresenta a sua vertente positiva, informando que as interferências,

consequência do contacto entre a Língua Crioula e o Português, numa perspectiva positiva, acaba por enriquecer o próprio léxico português. Mas, o que acontece é que o docente várias vezes não está capacitado para resolver estas questões, porque segue a regra da Gramática Portuguesa Universal como sendo a única e exclusiva solução. Muitas vezes ele cinge ao ensino da gramática, desenvolvendo teorias, ditando os conceitos e se esquece de promover a prática da mesma.

A este respeito, Moniz (2008: 42) faz a seguinte afirmação:

“Os estudos realizados têm destacado o deficiente desempenho nessa Língua como uma das causas do insucesso escolar. As deficiências de base repercutem-se nos níveis posteriores e as consequências dessa situação transferem-se de um nível para outro, gerando problemas graves na formação dos alunos de todos os níveis.”

Para colmatar esta dificuldade é indispensável a sensibilização dos professores para uma nova postura que co-responsabilize todos para a necessidade da real aprendizagem do Português, língua veicular do ensino, não só pelos factos já apresentados, como também pelo facto de a aquisição de conhecimentos nas várias disciplinas depender grandemente do seu domínio.

É nesta perspectiva que Moura (2009: 2) propõe o estudo de algum conteúdo, tanto pelo professor como pelos alunos, porque ali primeiro o professor veria o sucesso ou fracasso do seu ensino e o segundo compreenderia mais rapidamente a funcionalidade e os objectivos do uso de um referido conteúdo. Desta forma, os alunos que frequentam os meios rurais, que não têm contacto com a Língua Portuguesa fora da sala de aula, e que não se esforçam para estudar, teriam insucesso tanto nesta disciplina como noutras.

Todos estes factores intervenientes no processo ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa contribuem para o insucesso escolar¹ dos alunos.

Deve-se salientar que, apesar de não transparecer na prática,

“O insucesso escolar na disciplina da Língua Portuguesa é um tema que alimenta as conversas, provoca discussões e tem lugar privilegiado nos discursos dos docentes. Todos de uma forma geral preocupam-se com a baixa qualidade do ensino e da aprendizagem da Língua Portuguesa que se faz sentir em diferentes níveis de ensino. Para além disso, tem sido alvo de estudos, de inúmeras reflexões e discussões. Ela é uma preocupação de todos, pais, alunos, professores, sistema de ensino e sociedade, levando a questionar o trabalho e desempenho de cada um no sentido de a melhorar Sanches (2008: 34).”

¹ Adoptamos o conceito apresentado por Medeiro (2000: 45), segundo o qual a representatividade do termo insucesso escolar significa “falta de aproveitamento, incapacidade de compreender a matéria, não atingir o nível médio do sistema educativo, reprovação, falta de interesse inadaptação ao programa, ter negativas, tristeza, repetência, fraca aprendizagem e falta de êxito”.

1.2 A desmotivação dos alunos

A desmotivação dos alunos é um dos factores que influem negativamente no processo de ensino e aprendizagem da LP. É necessário um trabalho conjunto, centrado nos aspectos importantes para o desenvolvimento eficaz do ensino/aprendizagem dessa língua e deve haver um trabalho intenso direccionado para os alunos a fim de os motivar para se aplicarem mais nas aulas e fora delas.

Para Moniz (2008: 34) um factor não menos importante tem a ver com

“o facto de durante a vida escolar a maioria dos alunos, adolescentes, levarem uma vida despreocupante como se aquele período fosse só um instante. Os conselhos dos professores são para eles uma aberração constante nos seus ouvidos e se esquecem que estão na escola para estudar, aprender e divertir uns com os outros.”

Efectivamente muitos gostam de dizer aos professores que a Língua Portuguesa é uma disciplina fácil e que não é preciso estudar na altura do teste, porque as matérias são sempre repetitivas. A verdade é que na Língua Portuguesa o professor sente necessidade de estar sempre a retomar os conteúdos leccionados, principalmente quando estes constituem bases para as novas aprendizagens.

Moura (2009: 2) sugere que as instâncias superiores deveriam reflectir mais e melhor sobre os programas que têm vindo a ser utilizados no ensino desta disciplina no Ensino Secundário, pois, encontra-se conteúdos repetidos desde o 7º ao 12º anos de escolaridade; as actividades nem sempre vão ao encontro da realidade e das necessidades do aluno acabando por causar desmotivação.

Não há dúvidas que um aluno empenhado, dedicado aos estudos, apoiado sempre em casa, em caso de qualquer dúvida, e com todos os materiais didácticos está, na maioria das vezes, mais motivado e tem mais condições para desenvolver uma rápida e boa aprendizagem. Mas, torna-se difícil quando se têm dificuldades nas matérias, nas ajudas em casa, nos pré-requisitos, sem contar com a distância percorrida pelo aluno para poder frequentar as aulas, entre os outros factores que contribuem para um fraco desempenho, tendo como consequência o fracasso escolar do mesmo.

Um outro factor não menos importante é o “stress” emocional. Segundo Zilbernam (1990:50),

“Afecta a criança, afecta a família e afecta a escola. O insucesso escolar é sinónimo do insucesso social. Sem aquisições escolares, o indivíduo fica impedido de participar eficientemente, no progresso da sociedade”.

Na verdade, as dificuldades na aprendizagem da Língua Portuguesa constituem uma das causas do insucesso escolar que, por sua vez, se identifica com o insucesso dos alunos, dos pais, dos professores e da sociedade.

1.3 O perfil dos professores e da escola

Como já se referiu, as dificuldades do ensino e aprendizagem da LP residem também nos professores e na escola.

Zilberman (1990: 50) informa que quanto à escola,

“a língua que se fala ali, na maioria das vezes é deficiente, por causa de vários factores: as atitudes dos professores na sala de aula, principalmente os que usam a língua materna para explicar um dado conteúdo, quando se poderia usar a Língua Portuguesa que é a língua de ensino em Cabo Verde.”

Nota-se que, neste caso, há necessidade de intervenção do professor. Reimão (1997: 12), colocando essa ideia, mostra que

“a função do professor é exactamente mostrar que a língua assumirá diferentes feições dependendo das escolhas que fazem os usuários, ou seja, se usarmos um termo em lugar de outro, isso determinará outras observáveis na situação, por isso a acção quotidiana do professor deve estar concentrada no aluno e sobre a sua maneira de aprender. Além disso, o docente deve dominar aquilo que vai ensinar, saber como transmiti-lo e ser capaz de aplicar ou improvisar estratégias eficazes para um bom funcionamento da aula e por conseguinte a aprendizagem do aluno.”

É nesta sequência que Arends (2008: 15) defende que

“o que importa é dá-lo a noção de seu próprio uso do português. O aluno deve saber aprender as variedades da língua adequadas a diferentes situações. A língua serve a inúmeras finalidades, e o trabalho do professor, responsável pela organização do ensino, é prever para que ela desempenhe todas as suas funções. Devem aprender a usar a língua o mais eficiente possível, e saber que conhecer a língua é uma forma de estar bem equipado para alcançar os objectivos colectivos e pessoais.”

É de salientar que a escola tem um papel preponderante neste processo.

Gethad, Stefan et al (1988: 83) salientam a importância da escola dizendo que

“ela oferece-lhe múltiplas situações em que a diversidade de linguagem é posta em evidências. Na aula, nas cantinas, nas reuniões ou nas entrevistas com os pais, nos contactos com os professores ou com outros actores sociais.”

Para isso o professor deve ser autónomo, criativo, dinâmico e, sobretudo, ser um profissional reflexivo que deixa prevalecer o seu conhecimento tácito e intuitivo, agindo de acordo com a experiência acumulada, construindo e reconstruindo a sua prática.

Deve ser assim porque se nota que no decorrer de uma aula são vários os problemas com que um professor se depara. Por conseguinte, ele deve saber controlar e resolvê-los, arranjando estratégias que ajudam o aluno, que facilitam a sua aprendizagem, tendo sempre em mente que deve conhecer a realidade do aluno e a sua forma de conceber a si próprio.

Tudo isso exige que o professor tenha uma boa formação e que seja competente.

Se o professor não estiver suficientemente preparado para desempenhar o seu papel com total eficiência, a situação agrava-se.

“O grande problema continua a ser o enorme número de professores em exercício sem qualquer formação pedagógica. O sistema continua a assentar, em larga medida, em professores sem formação, mas já com um vínculo ao Ministério da Educação (Sanches, 2008: 123).”

Na verdade ela é mais do que um lugar onde as crianças aprendem factos e conceitos, e um lugar onde ocorre a interacção social. Sendo assim, cabe a ela reorganizar-se para dar a cada aluno a possibilidade de desenvolver as suas áreas fortes. Só desta forma poderá ser verdadeiramente inclusiva.

1.4. A inter-relação entre a escola, a família e a comunidade no processo ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa no Ensino Secundário

1.4.1 A importância da relação entre a escola e a comunidade no sucesso do ensino e aprendizagem

A aprendizagem da Língua Portuguesa no Ensino Secundário constitui um problema de actualidade universal Faria (2000: 2). Há vários anos que se apresenta uma preocupação constante por adicionar no ensino e a todos os níveis, novos métodos, com o propósito de melhorar o ensino e aprendizagem dessa língua.

Com efeito, o fracasso e o sucesso escolar do aluno, especificamente no que tange à Língua Portuguesa, é uma situação com que se depara durante a vida escolar. Um dos caminhos para a sua superação é a interacção positiva entre a escola e a comunidade onde o aluno está inserido.

Neste sentido, Ferreira (2005: 25) propõe a integração escolar numa rede de dinâmicas locais de desenvolvimento, afirmando que na verdade a escola pode constituir um problema de comunidades isoladas e não um problema de si próprio.

Muitos estudos desenvolvidos em vários países do mundo mostram as vantagens duma colaboração estreita entre as escolas e a comunidade para o bem do ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, mediante realização de debates, palestras à volta do programa e conteúdos da referida disciplina, apresentações teatrais, recitações de poemas, entre outras actuações de reforço, envolvendo os alunos e os outros agentes educativos.

A iniciativa deve partir sempre da escola porque ela é a instituição mais vocacionada para a transmissão e aquisição de conhecimentos, valores e habilidades, devendo ser, por isso, considerada o bem mais importante de qualquer comunidade. Porém, peca, na transmissão desses valores.

É neste âmbito que Correia (1999: 20) afirma que a escola deve ter um papel interventivo investindo numa

“educação para o Desenvolvimento Comunitário, baseada numa organização concebida num somatório de etapas escolares, em que o fenómeno educativo procura responder às necessidades humanas, revelando um percurso formativo ao longo da vida. Nesta óptica, é da maior importância, questionar o papel da escola enquanto instituição vocacional para acções cívicas de intervenção na comunidade.”

Para Torrinha (1996: 158) a comunidade é um lugar onde residem indivíduos agremiados. Por isso, nada melhor que a escola para formar esses indivíduos. Todavia, como está inserida na comunidade, para tal deve existir um vínculo no trabalho dos dois, porque têm muitos pontos em comum tais como os ideais e os objectivos das próprias pessoas que participam na instrução e educação – crianças, jovens e adultos. Mas, isso nem sempre acontece porque, na maioria das vezes, a escola fecha-se afastando-se da comunidade. Faz o seu trabalho esquecendo-se dela, limitando-se, às vezes, a ocupar-se dos alunos e dos professores. Tal maneira de pensar faz com que os alunos se tornem cultural e intelectualmente deslocados das suas comunidades. Ferreira (2005: 40) critica dizendo que é irrealista considerar a escola isolada da comunidade em que está inserida, porque um projecto educativo não pode ser levado a cabo se não for pensado pelo conjunto dos grupos interessados na escola e se não os implicar a todos na sua concretização.

É neste sentido que Piletti, (1997: 183) defende que:

“O primeiro passo, para a interacção positiva entre escola e a comunidade é, sem dúvida o conhecimento da própria comunidade por parte da escola. Quando os educadores (...) são originários do

meio em que se localiza a escola, a sua vida comunitária certamente fornecerá inúmeros dados para esse conhecimento.”

Deve-se sempre levar em conta que o docente é o elemento chave no desenvolvimento de parcerias entre a escola e a comunidade e a sua função não se limita só na preparação da colaboração com aquelas instituições, mas também na modificação de atitudes relativamente ao envolvimento de ambas.

A escola também deve conhecer a comunidade através das informações que os agentes educativos têm dela. Por isso, esses agentes são fundamentais nessa aproximação, porque facilitam-na através do diálogo com os pais e alunos.

É necessário saber que o conhecimento da comunidade só será válido se o professor colocar em uso e à disposição da escola a sua informação. Porém, Piletti (1993: 184) afirma que nestes casos há aqueles agentes educadores que não são originários da comunidade onde trabalham, e para tal não têm qualquer informação, desconhecem a realidade, os valores e a cultura dos alunos, acabando por dificultar o próprio trabalho docente e da escola.

Na verdade, o sucesso dessa relação implica conhecer a cultura da comunidade onde está inserida conhecer as pessoas envolvidas nesse processo.

1.4.2 A importância da relação entre a escola e a família no ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa

A família como um agente educativo ela socorre-se da escola, como estrutura de socialização secundária, mas não deve nunca entregar os seus filhos à escola esperando que esta os eduque.

Não é menos verdade que a acção da família contribui para o sucesso do desenvolvimento da aprendizagem do aluno e pode influenciar, de modo efectivo o seu progresso escolar. É de salientar que

“a relação familiar é preciosíssima no desenvolvimento pessoal e social das crianças e dos adolescentes. Os pais são os primeiros e os principais educadores, é no seio da família que se aprende a viver, a ser, a estar, enfim a interiorizar os valores sociais vigentes. Salvo excepção, a família é sempre o primeiro espaço educativo. Os pais nem sempre se apercebem do papel fundamental que desempenham como professores da língua, contudo, são eles que proporcionam os modelos adequados à progressiva aquisição da linguagem dos filhos (Cassiano, 1997: 144).”

Para além disso, vê-se que a participação da família na vida escolar dos filhos traz-lhes, igualmente, benefícios que aumentando as suas informações melhoram o seu papel de educadores. Portanto, ambos tiram benefícios dessa relação.

A escola tem condições de favorecer um bom ensino e a aproximação entre ela e a comunidade, porquanto ali os agentes educadores estão em contacto permanente com os alunos; partilham momentos de interações permitindo a aproximação e mesmo o conhecimento dos alunos.

As actividades extra-curriculares, constituem estratégias, por excelência, nesse processo.

Em relação às actividades extra-curriculares promovidas pelo professor de Língua Portuguesa, Piletti (1993: 185) sugere o seguinte:

“As saídas para lazer devem ser planeadas estabelecendo um roteiro de observações que os alunos podem seguir para depois serem relatados na sala de aula e aproveitados na aprendizagem; também podem ser explorados pelo professor como forma de estimular mais os seus alunos: visitar outra escola, realizar campeonatos inter escolas, visitar locais turísticos, ida ao cinema, etc.; se não participam nos trabalhos comunitários: os problemas da comunidade podem ser solucionados com um “djunta mo”. Ex. Campanhas de limpeza, construção de um centro comunitário, arrecadação de fundos para auxiliar idosos, famílias mais necessitadas, promoção de actividades culturais e recreativas nos fins-de-semana.”

Os fenómenos sociais associados à mudança são hoje objecto de análise e de reflexão, no sentido de se redefinir as linhas estratégicas na construção da nova escola. Ela deixou de visar apenas a transmissão de conhecimentos para privilegiar o desenvolvimento de capacidades e aptidões dos alunos; as atitudes de autonomia pessoal e de solidariedade. É nesta perspectiva que Ambrósio (2001:13) aponto para

“ A escola de Hoje e de Futuro, que procure resolver e responder os grandes desafios da educação e do desenvolvimento. Por outro lado, a escola recebe o impacto dos processos globais de transformação sociais, onde se inclui, para além dos alunos, um grande contingente de profissionais de vários tipos, seja nos recursos financeiros implicados, seja na rede de infra-estrutura que implica.”

Faria (2000: 4) acha que uma das estratégias que a escola pode adoptar é uma acção formativa da escola em relação à família, ter uma visão escolarizada do problema, sem colocar dúvidas sobre o lugar construído para e pela escola, em relação às demais instituições sociais, dentre elas a família. Isto para se poder obter mais participação da família na vida escolar. Elas são dois espaços fundamentais no mundo do aluno, onde cada um tem as suas responsabilidades. O primeiro é responsável pelo seu percurso escolar, que envolve a avaliação destes que pressupõe um trabalho de toda a equipe escolar, bem como a

participação dos alunos, como também dos pais e encarregados de educação, e à segunda cabe a responsabilidade pela educação.

Em relação ao papel da família no ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa, ela pode e deve fomentar, em casa, o estudo e a prática da mesma; fazer as escolhas educativas para os seus filhos; desenvolver as quatro competências da língua (ouvir, fala, ler e escrever) de forma harmoniosa, sem sobrepor uma em detrimento da outra. Pode e deve fazer-se ouvir para que os seus objectivos sejam alcançáveis. Ela tem o dever de acompanhar os seus educandos eficazmente e de dialogar com eles, com frequência.

Segundo Bernardino (2009: 18) a prática tem demonstrado que os pais bem informados, optimistas e compreensivos influenciam consideravelmente e de maneira mais positiva na educação, o bem-estar e na readaptação do aluno à escola. Porém, para os pais menos preparados a escola deveria facultar-lhes informações honestas, significativas e precisas sobre as condições físicas, emocionas e intelectuais dos seus filhos. Informar-lhes de forma mais viável acerca dos programas educativos e das regras escolares concebidos e recomendados para os seus filhos. Para isso é necessário que os pais se acostumem a visitar, frequentemente, as escolas onde seus filhos são educados.

Segundo Bernardino (2009: 20),

“não se trata de ter de ensinar formalmente a criança a ler e a escrever, função esta do professor. A família pode, tornar o ambiente de convivência da criança repleto de actos de leitura e escrita de livros didácticos, de forma a inseri-la desde cedo no mundo das letras.

Em suma, deixar o ambiente doméstico mais letrado. Isso acontece quando, por exemplo, a mãe deixa bilhetinhos na porta da geladeira, apontando a finalidade do acto para a criança; ou quando, antes de começar um novo jogo (de tabuleiro, por exemplo), ela propõe ao filho que eles leiam as regras juntos. Acredita-se que, quando a criança é inserida nessas actividades rotineiras, ela acaba percebendo a função real da escrita e da leitura, e como elas são importantes para a nossa vida. A criança que cresce em constante contacto com a leitura e a escrita acaba se apropriando da língua escrita de maneira mais fiável e adquirindo experiências que vão fazer a diferença na hora de ela aprender a ler e a escrever efectivamente.”

Se bem que nem todos os pais têm o mesmo projecto para os seus filhos quando chega a altura das crianças irem para as escolas. Segundo Villas-Boas (2000: 4), os pais familiarizados com a escola e as suas práticas, que dominam a língua em estudo e aquelas vítimas de iliteracia, e pouco familiarizados com a escola e sem mínimo domínio da mesma língua e as suas práticas, terão concepções e projectos diversos. Repara-se que os pais da

classe média que, além de terem uma competência científica semelhante ao do docente, são educadores esclarecidos, estão atentos à criança e conhecem a importância do uso da Língua Portuguesa. Por isso, aproveitam os tempos livres para incentivar os filhos a fazerem leituras, quer de livros didáticos, quer científicos e de jogos. Para além disso, favorecem o aproveitamento dos seus educandos contactando mais vezes os directores de turma (DT) para se informarem sobre o aproveitamento dos discentes. Mas, para que essas finalidades se cumpram, são necessárias aproximar a escola do meio familiar e social onde a criança e o adolescente vivem, pedindo-lhes que acompanhem regularmente as actividades dos seus educandos; incentivando-os na realização das tarefas escolares consultando com eles cadernos e dossiers; os ajudem a desenvolver hábitos de trabalho e atitudes de cooperação nomeadamente, assiduidade, pontualidade e cumprimento atempado das suas obrigações escolares, o respeito pelo trabalho dos colegas e disponibilidade para a entreaajuda; colaborar na vida da escola; conhecendo e participando no desenvolvimento do projecto educativo e do plano anual de actividades; passar mais tempo com os filhos sustentando a tentação de os deixar por longos períodos na escola; mostrar disponibilidade aos professores, de vez em quando, solicitando ao professor a entrada na sala de aula; ver os cadernos, corrigir os erros ortográficos na Língua Portuguesa; colocar em prática a mesma língua em casa, mediante leitura dos livros, revistas, das escutas da programação em LP, histórias orais. Enfim, são diversas as hipóteses que a família tem para participar activamente na vida escolar dos filhos.

De forma explícita, deve-se promover o sucesso no ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa sempre em parceria e com a ajuda da escola, porque é impossível colocar à parte a escola, a família e a comunidade, isto porque se o individuo é simultaneamente aluno, filho e cidadão, a tarefa de ensinar não compete apenas à escola. O aluno aprende também através da família, dos amigos, das pessoas que ele considera significativas, dos meios da comunicação, do quotidiano. Os pais e encarregados de educação devem estar presentes em qualquer momento do processo educativo, através da participação em actividades promovidas pela escola, no âmbito da Área-Escola ou das actividades de complemento curricular podem acompanhar e participar activamente no percurso escolar do seu educando. Esta participação pode ser delegada na pessoa de um representante, da Associação de Pais². Este pode manter os contactos com a escola em diversas modalidades e momentos.

²Segundo Tomo (2005: 16)“Associação de Professores e Pais é um fórum onde o gestor e os professores podem explicar os programas da escola, obter apoio dos pais, por isso, ajudar a alcançar sucessos. Análise do aproveitamento pedagógico e análise dos casos de desistência dos alunos.”

Hoje, os pais são chamados à escola aquando das reuniões com os directores de turma, para pagar as propinas, ou por alguma indisciplina provocada pelo aluno na escola. Mas, o que deveria ser feito é a promoção de encontros para a realização de actividades escolares, debates, palestras que facultam informações sobre a importância das disciplinas leccionadas; reuniões de parcerias com informações da escola, dos alunos, etc. Deveria-se fomentar uma intervenção mais relevante e participativa dos pais e encarregados de educação, pois, a colaboração escola-família constitui uma chave necessária para emendar a educação.

Para além dos aspectos apontados, o envolvimento da família melhora a imagem da escola e o sentimento de ligação à comunidade. Segundo Estrela (1992: 50) esta sociedade prevê que a educação não deve ser a mesma para todos, mas a melhor para cada um.

O que já vimos até aqui leva-nos a pensar que se torna necessário a colaboração e o envolvimento de todos os agentes educativos no ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa para o bom aproveitamento da mesma.

1.4.3 Os factores que condicionam a construção de parcerias entre a escola, a família e a comunidade

Entre a escola, a família e a comunidade deve existir um laço de união que exige um trabalho de todos os agentes para que haja uma relação frutífera, a fim de se estabelecer parcerias que contribuem para o bom funcionamento do ensino/aprendizagem. Porém, Piletti (1993: 185) aponta factores que dificultam essa parceria, nomeadamente

“ quando a escola desconhece a comunidade, a família não tem informações que lhe possibilita no desenvolvimento de parcerias; se os professores que não são originários desse meio, não tem o conhecimento da comunidade para utilizar na escola de uma forma mais positiva na convivência com os alunos; quando não existe na escola um serviço de intercâmbio com a comunidade, há uma falta de obtenção e organização do maior número possível de informações sobre a comunidade e na promoção de actividades que facilitem a interacção no sentido escola comunidade e comunidade escola; a falta de programação de actividades escolares a partir da realidade escolar da família e da comunidade de modo a se valorizar o conhecimento que os alunos adquirem a partir de coisas concretas como exemplo a horta escolar, a música, o teatro, poesia, pintura, etc. dificultam a aprendizagem do mesmo (...).”

É necessário que o conhecimento da comunidade conduza a um crescimento conjunto tanto da comunidade, como da própria escola.

No entanto, cabe à escola seleccionar, a partir da realidade da sua comunidade, as actividades mais apropriadas à educação dos alunos e que também sirvam para o bom desenvolvimento tanto da escola em si, como da comunidade onde ela está inserida. Conforme se salientou no início do trabalho, nenhuma escola existe isolada da comunidade e da sociedade da qual é parte integrante. Por isso, a qualidade do ambiente escolar inclui a qualidade das suas relações com a comunidade. Neste sentido, o professor e a escola devem manter boas relações de trabalho com a comunidade com vista a ter um ensino eficiente e relevante.

1.4.4 A importância de parcerias entre a escola e a comunidade no processo ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa

A “parceria” entre a escola e a comunidade é muito importante porque permite a comunidade ter acesso às informações do aluno, do professor e de toda a comunidade educativa envolvente nesse processo; facilita a comunicação e a compreensão da mensagem que o outro quer transmitir; permite construir, de modo colectivo, uma relação de diálogo mútuo, onde cada parte envolvente tem o seu momento de fala, em que existe uma efectiva troca de saberes; permite que haja respeito pelos conhecimentos e valores que a família possui, evitando qualquer tipo de preconceito e favorecendo a participação dos componentes de instituição familiar em diferentes oportunidades.

A relação entre elas pode assumir características diversificadas variando com os grupos sócio-culturais que frequentam a escola, e com os tipos de posicionamento que os professores e as escolas assumem no âmbito das actividades.

Segundo Piletti (1993), a parceria da comunidade com a escola, além de ser importante, pode se revelar através da presença da associação de pais e encarregados de educação como também através de actividades específicas da escola e da comunidade. Para isso, a escola e os professores devem levar em consideração as condições da comunidade na sua programação escolar e propor actividades que vão ao encontro da realidade existente.

A comunidade, por sua vez, deverá estar presente na programação da escola e contribuir desse modo para a realização das actividades da mesma oferecendo locais para a

realização de acções extra-escolares; pessoas mais velhas para prestarem o seu testemunho aos alunos numa determinada matéria, entre outras.

A escola, como centro de lazer e cultura, pode, aos fins-de-semana, abrir as suas portas para promoções artísticas: teatro, música, dança, campeonatos desportivos, jogos comunitários, brincadeiras infantis, etc. Poderá ainda liderar pequenos movimentos comunitários como, por exemplo, a criação de bibliotecas comunitárias, concursos de escrita, leitura, recitação; criação de boletins informativos, jornais, revistas, etc.

A escola como centro de discussão comunitária poderá servir-se de local para que sejam discutidos os problemas da comunidade, ao mesmo tempo que estimula o surgimento de lideranças comunitárias para ajudar a comunidade a discutir e buscar soluções para os seus problemas.

Segundo o mesmo autor (op. cit.), agindo dessa forma a escola estará cumprindo o seu papel que é o de preparar os alunos para a vida futura, para que possam exercer plenamente os seus direitos como cidadãos de amanhã conscientes da realidade em que vivem. Uma escola que quer preparar as crianças e os adolescentes tem que ter, inevitavelmente, as portas abertas à comunidade.

Dado que a educação envolve a transmissão de conhecimentos, cultura, atitudes, habilidades de um povo para as gerações vindouras, a comunidade deve dar algumas contribuições ao currículo. É necessário que a família e a escola se encarem como responsáveis, como parceiras de caminhada, pois, ambas são responsáveis pelo processo de ensino/aprendizagem dos conteúdos e pelo que produz, podendo reforçar ou contrariar a influência uma da outra.

A família e a escola precisam de criar, através da educação, uma força para superar as suas dificuldades, no que tange ao ensino construindo uma identidade própria e colectiva, actuando juntas como agentes facilitadores do desenvolvimento pleno do educando.

1.4.5. Propostas de estratégias de aproximação entre a escola e a comunidade

A educação acompanha-nos durante toda a vida. Aprendemos continuamente coisas novas e, portanto, estamos constantemente a educar-nos. A educação ocorre em todos os ambientes onde a criança e o adolescente se encontram desde que haja adultos cujos padrões comportamentais são bons. Todos pretendem inculcar nas novas gerações as ideias, sentimentos e práticas que, segundo a comunidade ou sociedade, são capazes de fazer deles

adultos. A comunidade, por sua vez, cria o clima, proporciona os meios e determina os objectivos para que a educação se efectue. Esta, por sua vez, se dá dentro e fora da escola. É nesta perspectiva que se deve trabalhar no sentido de haver uma melhor aproximação entre a comunidade e a escola.

Para que isso aconteça deve-se ter a intenção de educar, de orientar, de criar condições para que os educandos possam desenvolver-se de acordo com as expectativas da escola, dos pais e da comunidade.

Relativamente ao ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa, em particular, o primeiro passo é acreditar que existem meios para se realizar, no âmbito escolar, projectos que seduzem os alunos, que valorizam a sua linguagem e os envolvem naturalmente nas práticas de ensino/aprendizagem. Seja por qual meio for, o fundamental é que se consiga de uma vez por todas, o desenvolvimento das competências básicas para um uso eficiente da língua.

Para que haja uma mudança significativa no ensino da Língua Portuguesa é necessário, antes de tudo, observarmos, por meio de uma perspectiva histórica, os caminhos que a língua percorreu, em detrimento do meio social em que as relações humanas se desenvolvem e das diferentes abordagens.

Para que isso se concretize, a escola, enquanto agência especializada na educação das novas gerações, deve colocar-se à disposição dos alunos, através de actividades sistemáticas e programadas.

É de ressaltar que a escola se encontra alienada em relação ao meio em que actua. Ela poderá modificar-se, superar os seus graves problemas, se se dispuser a possibilitar maior participação da comunidade procedendo da seguinte forma: conhecer a realidade da comunidade; conhecer as competências dos seus educadores; ouvir as críticas e as opiniões de outrem; opinar a respeito das decisões que influem nos destinos do país e da comunidade; não excluir a comunidade dos assuntos escolares; dar mais oportunidade para a diminuição da exclusão escolar, reduzindo assim o número de marginalização e contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária; convidar individualmente (através de telefone ou da visita domiciliária) ou em geral (através da rádio) os pais a assistir palestras, debates relacionados com os assuntos escolares, em especial o ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, mediante a exibição do plano curricular, do programa, ou mesmo dos conteúdos a serem trabalhados na referida disciplina.

Os directores de turma também têm um papel importante neste processo. Eles devem conhecer os pais e encarregados de educação dos seus alunos. Devem de vez em quando apostar nas visitas de lazer, nas visitas familiares, e nas saídas para estudo; fazer trabalhos comunitários, intercâmbios com outras escolas; levar os alunos a conhecer outras realidades como por exemplo outras comunidades e as outras ilhas.

Deve existir um serviço permanente de intercâmbio com a comunidade. Este intercâmbio pode ser promovido pelo professor de Português, onde os alunos terão a oportunidade de lhe apresentar os conteúdos aprendidos nas aulas através de dramatização, recitações, diálogo, etc. Desta forma o professor estaria não só a valorizar a aprendizagem do aluno, mas também estaria a facultá-lo a oportunidade de integrar os conhecimentos adquiridos e a criar oportunidades para a comunidade e a família verificarem o valor dos conteúdos aprendidos e a progressão dos alunos.

Todavia, não cabe somente à escola fazer este tipo de trabalho, se bem que ela apresenta maiores condições para tal. A comunidade, por sua vez, tem um grande peso nesse processo visto que ela é, em número populacional, maior.

A presença da comunidade na escola, além de se manifestar através de mecanismos tradicionais como associações de pais, pode revestir-se de diversas formas como por exemplo a programação de execução e avaliação das actividades ligadas à aprendizagem.

A comunidade pode, a nível da escola, participar nas actividades específicas da escola; casos das actividades culturais de lazer e na discussão sobre problemas comunitários. A nível local, fora da escola, pode: incentivar os educandos, amigos e conhecidos a cooperar na educação, fornecendo materiais didácticos, os alunos no estudo; promover formas de praticar a língua como criação de bibliotecas comunitárias, centros culturais, salas para estudos acompanhados, oficinas de escrita, etc; promover eventos que possibilitam a valorização dos trabalhos dos alunos como por exemplo sessões de recitação, contos, recontos, concursos de leitura, jogos de linguagem, exposições de trabalhos; criar condições para que os alunos tenham mais contacto com a língua como, por exemplo visualização de filmes, teatro, música, palestras; convidar a escola para capacitar os bibliotecários comunitários, os pais, os responsáveis dos grupos comunitários, em termos pedagógico-didácticos para assim ajudarem os alunos a superar as dificuldades em LP.

Se essas estratégias virem a ser implementadas, muitos problemas relacionados com o ensino e a aprendizagem da LP ficarão resolvidos e os estudantes atingiriam o nível de domínio preconizado pela política linguística do país.

CAPÍTULO II - DA TEORIA À PRÁTICA

Apresentação

Neste capítulo propomos apresentar a caracterização do contexto em que foi realizado o inquérito, o Liceu Amílcar Cabral; Os procedimentos de trabalho que adoptámos para atingir os objectivos traçados inicialmente; a metodologia, a sua escolha e caracterização dos instrumentos de recolha dos dados; a caracterização do instrumento usado para a recolha dos dados e por último, vamos fazer a análise e interpretação dos dados.

2.1. Caracterização do contexto de intervenção³

O Liceu Amílcar Cabral está na Cidade de Assomada, na zona de Achada Riba, a norte da Escola Técnica Grão-Duque Henry. Foi construído nos finais da década de 70 e começou a funcionar a 07 de Outubro de 1985 (B.O. Nº35 de 31/08/1985).

No presente ano lectivo acolhe cerca de 4489 alunos, distribuídos em 83 salas de aulas o que corresponde a 146 turmas, sem contar com 10 turmas de alunos que estudam na Escola Técnica seguindo a via geral, e mais dois anexos: um nos Picos, S. Salvador do Mundo e outro em Achada Falcão – Cruz Grande.

Em termos da organização e funcionamento, a escola conta com 3 (três) salas ocupadas pela direcção da escola e 2 (duas) salas de informática, 1 (uma) sala usada para arquivo, 1 (uma) secretaria e coordenação das disciplinas e ainda o gabinete do inspector do

³ Fonte: direcção do Liceu Amílcar Cabral

Concelho de Santa Catarina. Também possui 2 (duas) salas de professores, 2 (duas) casas de banho para os docentes e 2 (duas) para os discentes, sem contar com a secretaria, 2 (dois) grandes espaços de recreio, 2 (dois) salões onde funciona a biblioteca que está aberta durante todo o dia, com quatro funcionários fazendo vigia e orientação dos alunos, 1 (uma) sala de reuniões, 1 (uma) reprografia, 2 (duas) cantinas (sendo uma dos alunos e uma dos professores) e 1 (uma) placa desportiva usada para as aulas de Educação Física.

Devemos informar que o edifício encontra-se num estado de degradação, precisando de uma intervenção de fundo com destaque para as casas de banho, pintura, carpintaria, esgoto e electrificação.

2.1.1. Caracterização do corpo discente, docente e não docente

Em relação ao corpo discente a escola lecciona os 7º, 8º, 9º, 10º, 11º e 12º anos de escolaridade perfazendo um total de 4489 alunos (pode-se confirmar no gráfico 1 em anexo1), sendo 2905 do sexo masculino e 1584 do sexo feminino.⁴ No primeiro ciclo encontram-se matriculados 1982 alunos, sendo 1096 do 7ºano e 886 do 8ºano; no segundo ciclo encontram-se 1188, sendo 721 alunos do 9ºano e 467 alunos do 10ºano e no terceiro ciclo 814 alunos, sendo 414 do 11ºano e 400 alunos do 12ºano (ver o gráfico 2 em anexo 1). Portanto são 35 turmas do 7ºano, 23 do 8º, 25 do 9º, 17 do 10º, 15 do 11º e 13 do 12º ano, distribuídos por média de 25 a 42 alunos por turma.

No referido liceu há 27 professores de LP, sendo 12 de 1ºciclo, 10 do 2º ciclo e 5 do 3ºciclo.

Quanto ao pessoal não docente, a escola tem 6 contínuos, 17 empregadas de limpeza e 5 funcionários que prestam serviços directamente na secretaria, e 1 na reprografia. No tocante aos contínuos todos trabalham das 8 às 18 horas e controlam a entrada e saída dos professores e alunos nas salas de aulas.

Quanto à segurança, conta com 1 porteiro que controla as entradas e saídas do liceu, durante o período das aulas (das 8 da manhã às 18 horas da tarde). À noite a vigilância é garantida por 4 guardas, que trabalham em grupo de dois, alternada e ininterruptamente, inclusive nos feriados e dias não lectivos (conferir no gráfico 4 em anexo 1).

⁴ Os dados colocados aqui são provisórios, pois as estatísticas não estavam ainda concluídas. Todos os gráficos em anexo e as informações referentes à caracterização foram facultados pela Direcção do Liceu Amílcar Cabral

2.2 Caracterização do público-alvo

Alunos

Para a caracterização dos inquiridos, recorreremos à primeira parte do questionário (ver anexo 2 da questão nº1 ao nº1.5) destinada à recolha dos dados para a identificação.

Assim, dos 40 (quarenta) alunos inqueridos do 1ºciclo, 19 (dezanove) são do 7ºano e 21 (vinte um) do 8ºano, sendo 11 (onze) do sexo masculino e 29 (vinte nove) feminino. Portanto a maioria é rapariga.

Relativamente à idade, ela está compreendida entre 13 (treze) e 17 (dezassete) anos.

No que tange à residência, 17 (dezassete) alunos vivem na cidade e 23 (vinte três) vivem no campo. Desses alunos, 13 (treze) vivem só com a mãe, 16 (dezasseis) com os pais, 2 (dois) com os irmãos, 2 (dois) com as tias, 4 (quatro) com as avós, 1 (um) com o seu marido e 1 (um) com a madrinha. Portanto, todos residem com os seus familiares mais próximos, porém a maioria reside com os pais o que facilita a sua participação na vida dos filhos.

Professores

Para a caracterização dos inqueridos, recorreremos igualmente à primeira parte do questionário (ver anexo 4 da questão nº1 ao nº1.5) destinada à recolha dos dados socioprofissionais.

Assim, constatámos que, dos 10 (dez) inquiridos, a maioria, 7 (sete) é do sexo feminino e 3 (três) são do sexo masculino e que possuem a idade compreendida entre os 24 e os 32 anos.

Quanto à formação académica, 4 (quatro) possuem 12ºano de escolaridade, 5 (cinco) Licenciatura e 1 (um) Bacharelato.

Dos inqueridos, 4 (quatro) possuem a formação pedagógica, porém, 6 (seis) não a possuem.

Quanto à área de formação pudemos constatar, que 1 (um) professor é formado em Ciências Sociais, 1 (um) em Ciências de Comunicação, 2 (dois) em ECVP, 1 (um) em Fisioterapia, 1 (um) em Sociologia, 1 (um) professor em Turismo, 1 (um) professor em Ciências de Educação, 1 (um) professor em Estudos Portugueses e Franceses e 1 (um)

professor é formado pelo Instituto Pedagógico. Podemos verificar que os professores estão a investir nas suas formações mesmo porque todos eles costumam participar nas formações, como por exemplo seminários, no âmbito da Didáctica. Contudo, deve-se fazer um reparo: a maioria não possui formação pedagógica e somente 3 (três) num universo de 11 (onze) professores é que estão suficientemente habilitados para leccionar a disciplina de Língua Portuguesa. Pensámos que este factor põe em causa o sucesso de ensino e aprendizagem da disciplina em questão.

Quanto ao nº de turmas, 9 (nove) professores trabalham com 5 (cinco) turmas e 1 (um) com 4 (quatro) turmas. Portanto não têm excesso de turmas.

Em relação aos anos de serviço, 2 (dois) professores estão com 2 (dois) anos de serviço, 1 (um) com 5 (cinco), 2 (dois) com 8 (oito), 1 (um) com 9 (nove), 1 (um) com 10, 2 (dois) com 11 e 1 (um) com 12 anos.

No que tange à experiência de ensino em LP, 2 (dois) professores têm menos de 3 (três) anos, 1 (um) tem 4 (quatro) anos e 7 (sete) estão com mais de cinco anos de experiência profissional nesta área. Portanto, consideramos que a maioria, isto é, 7 (sete) podem ser considerados experientes. Pensámos que este factor contribui para o sucesso de ensino da LP.

Quanto ao nº de horas lectivas, 2 (dois) professores têm 16 horas, 3 (três) 20 horas e os restantes não responderam.

Os dados adquiridos até este ponto permitiram-nos concluir que o Liceu Amílcar Cabral reúne condições estruturais mínimas, apesar de apresentar algum défice no que diz respeito a qualidade do ensino/aprendizagem da LP.

Deve-se destacar o facto do Liceu não reunir condições que permitem aos alunos o acesso diário ao uso do computador, havendo ainda um número bastante elevado de alunos que terminam o Ensino Secundário info-analfabetos, situação inadmissível nesta era de informação.

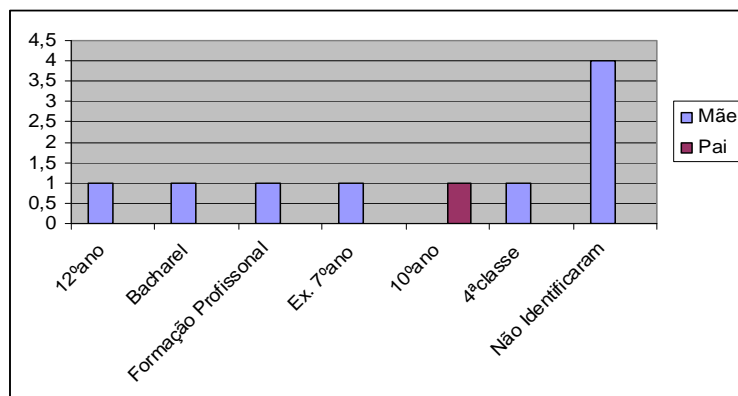
Pais e encarregados de educação

Foram aplicados 10 (dez) inquéritos por questionário a pais e encarregados de educação com idades compreendidas entre os 32 anos e os 50 anos. Dos inquiridos 9 (nove) são mães e 1 (um) é pai. No que se refere à residência, 3 (três) vivem no campo e 7 (sete) na cidade.

Quanto às habilitações literárias, pode-se constatar no gráfico abaixo que 4 (quatro) mães não indicaram as habilitações literárias, 1 (uma) mãe possui o 12ºano, 1 (uma) o

Bacharel, 1 (uma) a formação profissional, 1 (uma) o ex 7ºano, 1 (uma) a 4ª classe. Quanto ao pai, este possui o 10ºano.

Gráfico 1- Habilitações Literárias dos pais e encarregados de educação dos alunos inquiridos



2.3 Metodologia e caracterização dos instrumentos de recolha dos dados

Para que a nossa amostra fosse significativa, das 59 (cinquenta e nove) turmas do primeiro ciclo seleccionou-se, de forma aleatória, em quase todas as turmas um total de 40 (quarenta) alunos. De entre os 12 professores de LP do mesmo ciclo, seleccionou-se 10 (dez). Foram aplicados também 10 (dez) questionários a 10 (dez) pais e encarregados de educação.

Considerando que o método é o caminho a seguir para alcançar um objectivo, ao longo do desenvolvimento do trabalho (Moniz, 2008: 40), optámos pelo método de inquérito por questionário. Pensámos que este é o mais adequado ao tipo de trabalho que desenvolvemos.

Resumindo foram aplicados 60 (sessenta) questionários aos diferentes agentes educativos, a fim de obtermos dados mais representativos da realidade.

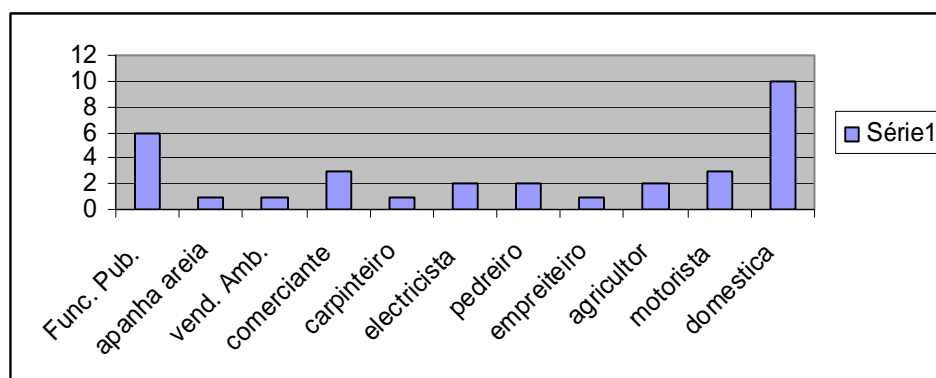
Convém ressaltar que foram feitas as análises dos dados dos questionários dos alunos em percentagem porque o número de inquirido é maior (quarenta). No tratamento dos dados relativos aos professores, pais e encarregados de educação optámos pela numeração visto que esse público é reduzido (dez).

2.4 Análise e interpretação dos dados

2.4.1 Dados dos alunos

No que se refere à ocupação profissional dos seus encarregados de educação, das mães 40% são domésticas, 15% funcionárias públicas, 2,5% mãe vendedeira ambulante, 2,5% mãe que apanha areia. Dos pais, 7,5% comerciante, 2,5% carpinteiro, 5% electricista, 5% pai pedreiro, 2,5% pai empreiteiro, 5% pai agricultores e 5% pais motoristas. Dos irmãos, 2,5% motorista. Das tias e avós 10% são domésticas.

Gráfico 2-Ocupação profissional

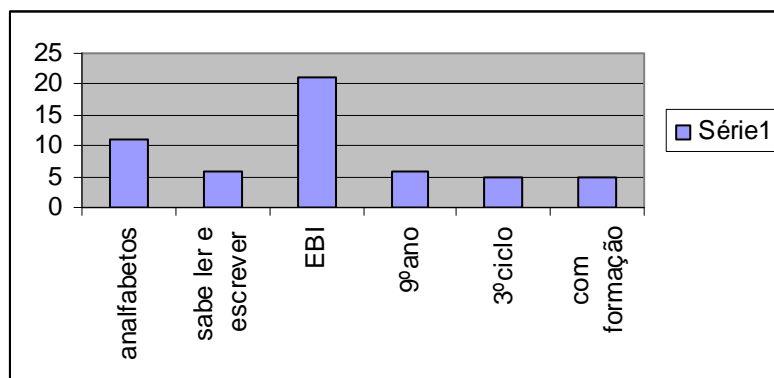


Nota-se que a maioria possui uma profissão e os que não a tem, são apoiados pelos outros familiares que se encontram empregados podendo contribuir financeiramente para a educação dos filhos. Vê-se que a profissão dos familiares são heterogêneas, nem todos garantem condições financeiras sustentáveis (40%), o que complica de modo geral a situação dos filhos, especificamente ao bom aproveitamento escolar.

Em termos de apoio pedagógico, para muitos falta-lhes a base para apoiar os educandos, porque nem todos possuem (22,5%) uma formação académica que ajuda o filho a avançar nos estudos (ver o gráfico 3).

No que concerne às habilitações literárias dos pais, encarregados de educação dos alunos, pode-se apurar no gráfico 3 que 27,5% são analfabetos, 15% sabe ler e escrever sem frequentar a escola, 52,5% têm o Ensino Básico Primário, 15% possui o 9ºano, 12,5% têm o 3ºciclo, 12,5% têm formação;

Verifica-se que 40% possuem um nível razoável de escolaridade que lhe permite ajudar o filho no estudo.

Gráfico 3- Habilitações literárias dos pais e encarregados de educação inquiridos

Pode-se notar que no que concerne à relação dos pais e encarregados de educação dos alunos com a escola, 15% alunos disseram que os pais não vão à escola, e os restantes 84% dos alunos confirmaram a presença destes ali, sendo 15% frequentemente, 42,5% às vezes e 7,5% raras vezes.

Dos alunos que confirmaram a presença dos pais e encarregados de educação na escola, 20% referiram que eles vão à escola sem serem chamados, 34% só quando são chamados e 22,5% em ambas as situações. Vê-se que há uma certa vontade em resolver os problemas dos filhos porque eles, de forma geral, procuram informações.

Dos 84% alunos que confirmaram que os pais vão à escola, 25% deles vão aí para saberem do comportamento do filho, 15% para se informarem do aproveitamento deste, 2,5% quando o aluno tem algum problema de comportamento, 35% para saberem do comportamento e informarem do aproveitamento deste, 5% só quando tem problemas com os colegas, 2,5% quando tem problemas com os professores e 2,5% não respondeu. Verifica-se que os pais e encarregados de educação estão interessados em ir à escola inteirar-se da situação do filho, mas somente uma minoria, 40% está interessada em informar-se sobre o aproveitamento do seu educando.

Verifica-se que dos inquiridos, 52,5% não tem nenhum apoio em casa na disciplina de Língua Portuguesa, mas 37,5% dos alunos gozam da ajuda de diversos familiares sendo 2 (dois) por primos, 6 (seis) irmãos, 3 (três) pais, 2 (duas) mãe, 1 (uma) professora e 1 (um) pai. Todavia, dos 12 (doze) ajudantes 11 (onze) moram com eles e 1 (um) não. Portanto os que são apoiados em casa são 37,5%.

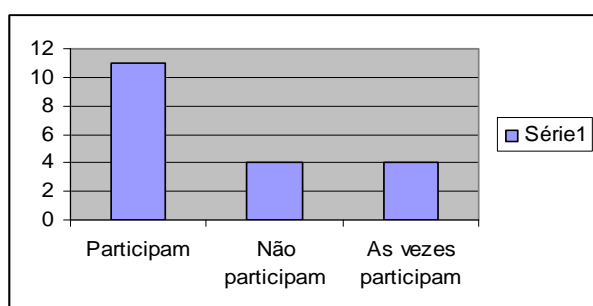
Como se pode averiguar no gráfico 4, só 47,5% dos alunos é que responderam. Vimos que em relação a participação dos pais e encarregados de educação nas actividades escolares, 27,5% participam, 10% não participam e 10% as vezes participam.

A maioria dos alunos inquiridos confirmaram a deslocação dos pais à escola para reuniões com os directores de turmas, o que indica que eles só se dignificam a comparecer ali quando são chamados.

Depara-se com uma situação um pouco alarmante, na medida em que os pais e encarregados de educação demonstram ter pouco ou nenhum interesse em inteirar-se da situação dos seus filhos.

Dos que responderam sim ou às vezes, 2,5% aluno referiram que os pais, encarregados de educação participam nas reuniões da escola.

Gráfico 4- Participação dos pais e encarregados de educação nas actividades escolares

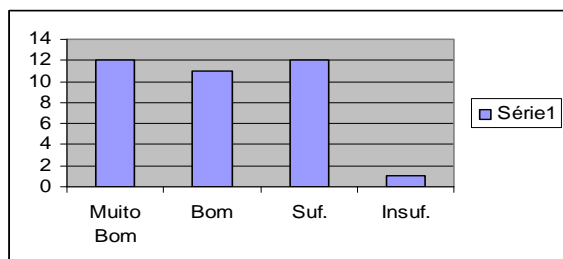


Quanto ao historial do aluno no que toca à sua relação com a disciplina de Língua Portuguesa, há um nº elevado de reprovações dos alunos, visto que 64,5% alunos já repetiram o ano, sendo 12,5% no EBI, 50% no 1ºciclo e os restantes 25% alunos inquiridos nunca repetiram.

Desses, 27, 5% é que não tiveram insucesso escolar e a LP contribui para a reprovação de 37% deles.

Do total dos inquiridos, 62,5% nunca passaram com deficiência na referida disciplina, porém 27,5% aluno sim, justificando que não gostam da disciplina. Dos que reprovaram indicaram como motivo a incompreensão da matéria, a falta de explicação por parte do professor e o peso das negativas na pauta. Vê-se que mesmo transitando de classe, dos 75% que já experimentaram a reprovação, ainda assim transitaram com deficiência em LP.

Nota-se no gráfico a seguir que 30% alunos consideram ser alunos de Muito Bom na disciplina de Língua Português, 37,5% de Bom, 30% de Suficiente e 2,5% de Insuficiente. Na autoavaliação demonstra-se não terem consciência das suas dificuldades porque se nota uma discrepância entre o que dizem e o que são, pois 37,5% já tiveram deficiência em LP, mas somente 2,5% é que se considera ser aluno de insuficiente.

Gráfico 5-Desempenho dos alunos na disciplina de LP

De acordo com o gráfico 6, onde se pode averiguar as prestações dos alunos em diferentes competências da Língua Portuguesa, 67,5% alunos consideram que é muito fácil a leitura, 17,5% fácil, 27,5% razoável, 2,5% um pouco difícil; e 10% acham ser muito fácil a Interpretação do texto oralmente, 42,5% fácil, 25% razoável e 7,5% um pouco difícil.

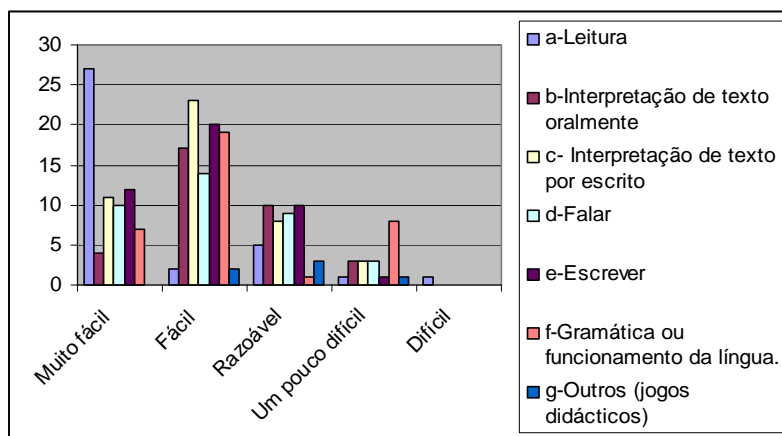
Em relação à interpretação do texto por escrito, 27,5% encaram-na como sendo muito fácil, 57,5% fácil, 20% razoável e 7,5% um pouco difícil.

No que tange à oralidade, 32,5% consideram que ela é muito fácil, 35% fácil, 22,5% razoável e 7,5% um pouco difícil.

No que se refere à escrita, 30% afirmaram que é muito fácil, 50% fácil, 30% razoável e 2,5% um pouco difícil.

Quanto à gramática ou funcionamento da Língua, 17,5% encaram-na como uma área muito fácil, 47,5% fácil, 2,5% razoável e 20% um pouco difícil.

Constata-se que o ponto de vista em relação as dificuldades são diferentes, consoante os alunos, dado que cada um as avalia consoante às suas habilidades em diferentes competências ou facilidades ao acesso de conhecimentos nesses domínios. Assim, pressupomos que as dificuldades/facilidades se traduzem em sucessos/insucessos.

Gráfico 6- Desempenho dos alunos em diferentes competências da LP

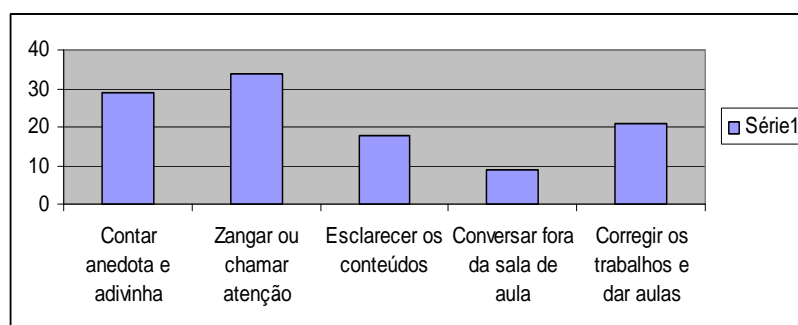
Em relação à importância da disciplina de Língua Portuguesa na formação do aluno dos discentes inquiridos, a maioria reconhece a sua utilidade, justificando, alguns, que a formação que pretendem fazer basear-se-ia nela; ela ajuda o aluno a conhecer muitas coisas bem como a falar, a escrever e a ler melhor; outros explicaram que é a nossa língua oficial e segunda; utilidade no mercado de trabalho; viagem para países de Língua Portuguesa, no preenchimento dos documentos e preparação do futuro.

Todos têm a consciência da importância da LP em Cabo Verde.

Relativamente à relação com a Língua Portuguesa no espaço escolar, apurou-se que 90% afirmaram que os professores usam a Língua Portuguesa em todas as situações apresentadas, isto é, para contar anedota e adivinha 72,5%, para zangar ou chamar atenção aos alunos 84%, para esclarecer os conteúdos 45%, para conversar fora de sala de aula 22,5% e para corrigir os trabalhos e dar as aulas 52,5%.

Estes dados traduzem, em percentagens, os professores estão a primar pelo uso da Língua Portuguesa dentro e fora da sala de aula incentivando e praticando a mesma língua.

Gráfico 7- Circunstância do uso da Língua Portuguesa pelo professor

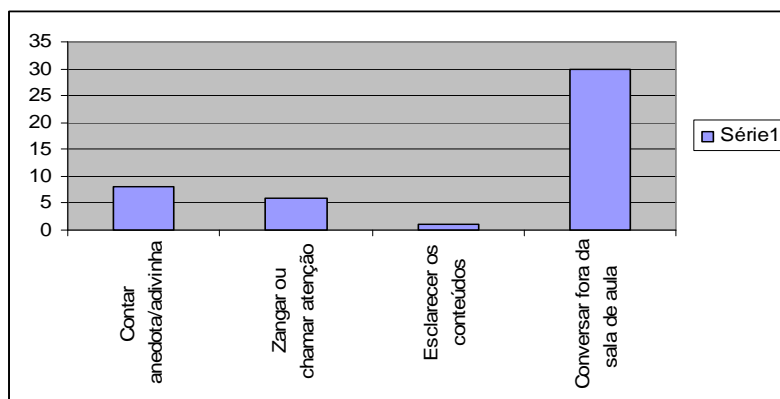


Porém, pode-se conferir no gráfico 8 que 20% dos alunos declararam que os professores usam o crioulo para contar anedota e adivinha, 15% dos alunos afirmaram que eles usam o crioulo para zangar ou chamar atenção dos alunos, 2,5% aluno dissera que o professor fala o crioulo para esclarecer os conteúdos e 75% dos alunos confirmaram que eles utilizam o crioulo para conversar fora de sala de aula.

Quanto à língua que os docentes usam na sala de aula com os alunos, 47,5% dos inquiridos confirmaram que estes falam a Língua Portuguesa, mas 50% assinalaram o uso da Língua Portuguesa e do Crioulo para contar anedota e adivinha e 2,5% aluno afirmou que os professores usam as duas línguas para conversar fora de sala de aula.

Certos casos é natural que o professor dialogue com os seus alunos na língua materna mostrando assim, ao aluno o seu valor. Para além disso, é sabido que nesses casos a Língua Cabo-Verdiana tem mais impacto, visto que é a língua da afectividade e do convívio.

Gráfico 8- Circunstância do uso da LCV pelo professor



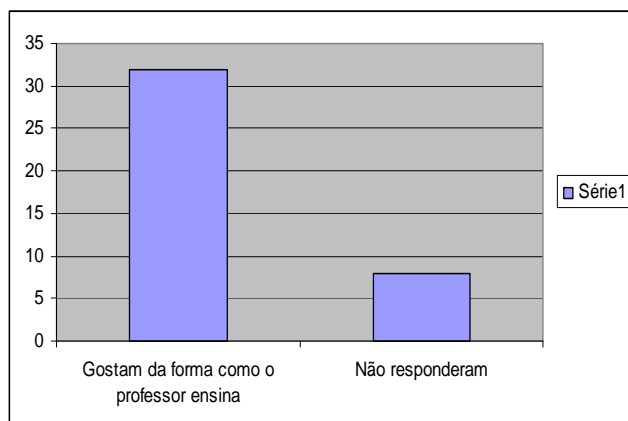
Em relação aos outros professores das outras disciplinas, no que diz respeito à correcção da Língua Portuguesa, 7,5% dos alunos disseram que eles não a fazem; 5% aceitaram que eles a usam na correcção da escrita e 80% concordaram que os professores fazem o uso dela tanto na escrita como na oralidade.

Verificamos que 10% dos alunos afirmaram que os professores às vezes usam a referida língua na escrita e na oralidade, 2,5% disse que a usam na escrita e 2,5% na oralidade.

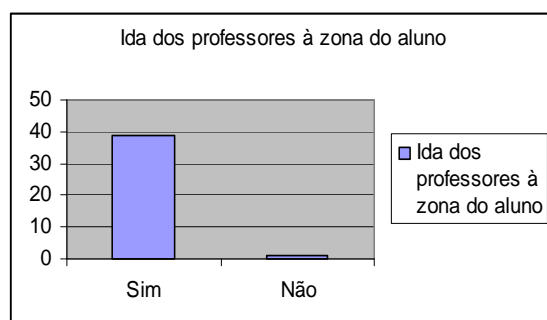
Nota-se que segundo os alunos inquiridos, nem todos os professores estão preocupados em ensinar na referida língua. Assim, criam dificuldades em termos de oportunidades para a prática da Língua Oficial.

Em relação à avaliação científico-pedagógica dos professores de LP, pode-se verificar (no gráfico 9) que, de acordo com os alunos inquiridos, 89% dos alunos afirmaram que gostam da forma como os seus professores ensinam, e os restantes não responderam nada. Dos que responderam sim, justificaram que os seus professores: *ensinam e explicam bem; eles ajudam a compreender as matérias; o professor corrige os erros de LP; o professor é carinhoso e consegue entender tudo aquilo que ele diz; o professor é claro e activo; ele tira as dúvidas e é preñado e educado.*

Isto demonstra que esses professores de LP estão a lidar e relacionar-se bem com os seus alunos, porque estes têm uma boa imagem deles, não só pela forma como eles se relacionam, mas também pelo facto de entenderem e gostarem da explicação deles.

Gráfico 9- Relação professor/aluno

Na **relação escola, família e comunidade** procurou-se saber se alguma vez alguém da escola já foi a zona do aluno saber a situação destes, mas a maioria (97,5%) respondeu que não e apenas 2,5% aluno disse que a professora já foi uma vez à sua casa para falar com os seus pais acerca do seu comportamento.

Gráfico 10- Ida dos docentes à casa dos discentes

2.4.2 Dados dos professores

A prática da Língua Portuguesa

Os professores passam maior tempo lectivo com os alunos, portanto, possuem melhores condições para exigirem que os alunos pratiquem a LP. Relativamente a este assunto, todos os professores inquiridos disseram que exigem sempre que o aluno fale a LP na sala de aula, mas as causas, são diferentes:

Para a auxiliar na aprendizagem

“É indispensável para a aprendizagem;”

“Para que haja uma boa compreensão dos conteúdos;”

“Só assim aprenderão a falar e a pronunciar bem o português;”

“É melhor para ele e para a aula (errando, corrigindo e aprendendo).”

Para praticar e aperfeiçoar

“Para poderem praticar;”

“Porque parece que na sala de aula é a única oportunidade que eles têm para aperfeiçoar esta língua.”

Por obrigação

“É o mais correcto, já que a aula é de LP;”

“É a língua oficial, utilizada nas escolas.”

Vê-se com isso que a maioria dos professores inquiridos tem consciência da importância da prática da língua nas aulas de LP. Contudo, ainda há quem concebe esta prática como obrigação, ou seja, que não é correcto usar a LCV nas aulas. Esta situação leva-nos a ver que há necessidade de capacitar os professores neste sentido, porque deixam entender que a Língua Cabo-Verdiana não tem lugar na aula de Língua Portuguesa. Esta situação é preocupante e torna-se grave quando se trata do dizer ou concepção de um professor de língua.

Dificuldades no uso da Língua Portuguesa pelos alunos

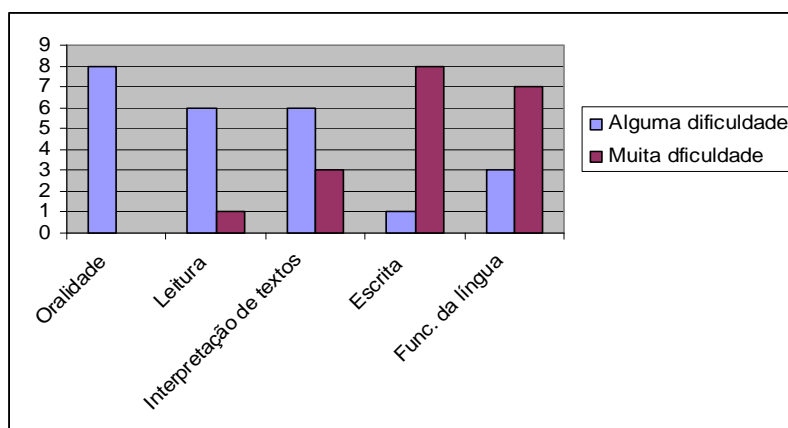
Relativamente às dificuldades no uso da LP, todos os professores concordam que os alunos as têm.

De igual modo, como se pode observar no gráfico seguinte, todos os professores afirmaram que os seus alunos apresentam dificuldades na disciplina de LP em todas as competências (oralidade, leitura, interpretação de texto, escrita e funcionamento da língua). Todos são conscientes de que existem problemas, pois souberam identificá-los.

A maioria dos professores afirma que os alunos estão com mais dificuldades na escrita, no funcionamento da língua, interpretação de textos e leitura. Por outro lado, há alguma dificuldade dos alunos na oralidade, leitura, interpretação de textos, funcionamento da língua e escrita. Este indicador é bom porque na educação o diagnóstico do problema já é um

grande passo porque daí se pode adoptar estratégias adequadas. Demonstra que os professores estão cientes das dificuldades dos seus alunos em diversas competências.

Gráfico 11-Dificuldades nas competências de LP



Todos disseram que já tomaram medidas para resolverem os problemas de aprendizagem dos seus alunos através das seguintes actividades:

“Realização de debates nas aulas, concurso de leitura, escrita, diálogo; jogos recreativos a nível individual, exercícios de revisão para preenchimento de lacunas; dramatização, concurso de soletração, trabalhos de investigação e elaboração de textos; Jornal de parede, palestras, banda desenhada; muita leitura na sala de aula, perguntas orais, exercícios escritos, anedotas, adivinhas, histórias; movimentos diários, resumos de programas televisivos; reconto de histórias após a leitura de um texto, jogos de perguntas sobre a história lida.”

Com essas respostas os professores mostraram que não estão de braços cruzados, porque tentam sempre propor actividades recreativas que motivam os alunos ao mesmo tempo ajudam a remediar as dificuldades na LP, pois as actividades que eles apontaram são todas importantes. Embora se nota que os tipos de actividade que cada um deles indicou não abrangem todas as competências, e muito menos os que afirmam que os alunos têm muita dificuldade na escrita e funcionamento da língua. Portanto as actividades não são adequadas às necessidades dos alunos.

Estratégias para optimização do processo de ensino e aprendizagem da LP

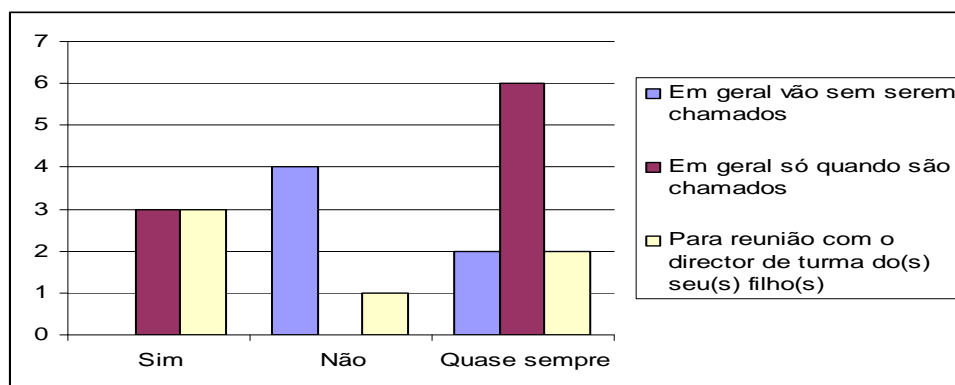
Interrogados a esse respeito, a maioria, 7 (sete), admitiu que existem estratégias para optimização do processo de ensino e aprendizagem da LP. Apontaram como exemplos *o convívio entre os alunos de diferentes turmas, debates, concursos de leitura, escrita, teatro, música, filmes; intercâmbio entre as turmas ou até mesmo entre as escolas; actividades culturais onde se promove o ensino de LP; concursos que envolvem oralidade, escrita, poesia; trabalho de pesquisa; relatos de ocorrência; concursos que envolvem os alunos e os seus respectivos pais e/ou encarregados de educação; visita de estudo às instituições como a rádio, a televisão, etc.*

Uma professora acha que não há estratégias para optimização do processo de ensino-aprendizagem da LP, e justifica que: *devido a passagem automática dos alunos, muitos passam sem saber ler, escrever e falar.* Achámos que a justificação apresentada por ela é incoerente, porque a passagem automática não exclui nem anula o efeito e a possibilidade de promover essas actividades.

A maioria afirmou que já promoveu algumas actividades, inclusive as que foram apontadas anteriormente. Porém, é de lamentar o facto de existir uma professora que nunca as promoveu, afirmando que foi por falta de oportunidade. Apesar disso, vê-se que os professores reconhecem a importância dessas actividades.

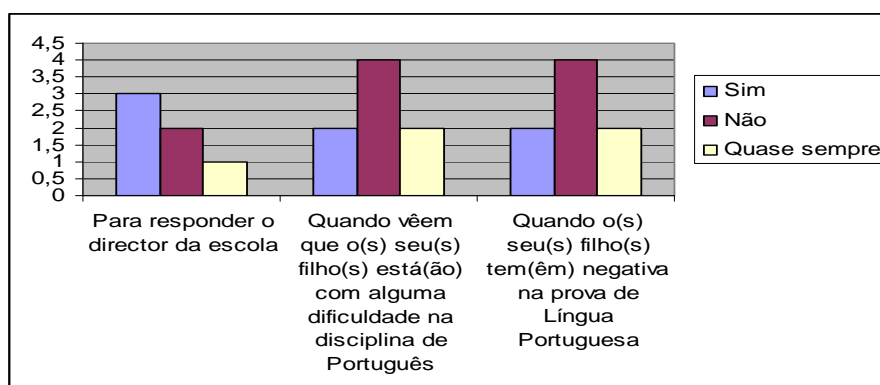
Relação família e escola

No que toca à relação entre a família e a escola, a maioria dos professores, 8 (oito), admitiu que os pais e/ou encarregados de educação vão à escola às vezes. No entanto, segundo as respostas deles, as condições em que isso ocorre são diversas, como se pode verificar no gráfico 12. Nota-se que a maioria acha que vai à escola quase sempre quando são chamados, alguns vão sem serem chamados e os outros apresentam-se ali quando houver uma reunião com o director de turma do seu filho. Com isso nota-se que os pais, no dizer dos professores, vão à escola quase sempre quando são chamados. Isto indica que eles não reconhecem a importância da relação escola/ família e professor/família.

Gráfico 12- Condições que levam os pais e encarregados de educação à escola

No que se refere à visita dos pais à escola para responder o director da escola, constata-se (ver o gráfico 13) que 3 (três) professores admitiram que os pais comparecem, 2 (dois) disseram que não e 1 (um) afirmou que quase sempre isso acontece. Já que a maioria é de opinião que os pais vão à escola nessas condições, podemos concluir que ao menos colaboram com a escola.

No caso da ida à escola quando os seus filhos estão com dificuldade ou negativas na LP, 2 (dois) professores certificaram que os pais vão à escola quando isso acontece, porém 4 (quatro) disseram que estes não se dirigem à escola quando há este tipo de dificuldade e 2 (dois) professores disseram que quase sempre os pais vão à escola neste caso. Portanto a maioria é de opinião que não. Isso pode ser interpretado como desleixo, ou seja, que os pais pouco se importam com a situação de aprendizagem dos seus filhos.

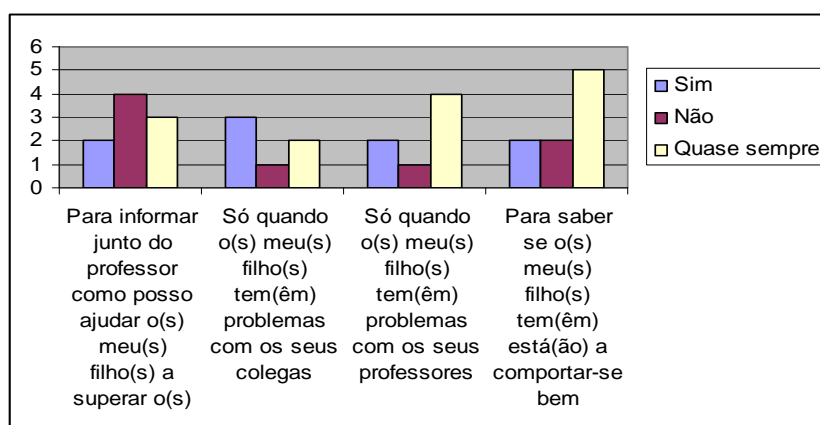
Gráfico 13- Circunstâncias que levam os pais e encarregados de educação à escola

Conforme mostra o gráfico 14 e segundo a opinião de 2 (dois) professores, os pais vão à escola para se informarem junto do professor como este pode ajudar o seu filho a superar as dificuldades, mas 4 (quatro) afirmaram que isso não acontece e 3 (três) deles acham que

quase sempre os pais vão à escola para se informarem junto do professor como este pode ajudar o seu filho a superar as dificuldades.

Os dados mostram que os pais se preocupam em ajudar os seus filhos e que têm consciência das suas responsabilidades nestas circunstâncias. Contudo, nota-se uma certa incoerência no discurso desses professores, pois já tinham deixado transparecer (gráfico 14) que os pais pouco se importam com a aprendizagem dos filhos.

Gráfico 14- Circunstâncias que levam os pais e encarregados de educação à escola



Já, quando o filho tem problemas com os colegas, segundo 3 (três) professores, pais vão à escola nestas condições, 1 (um) afirmou que não e 2 (dois) afirmaram que isto acontece quase sempre.

No que se refere à deslocação dos pais à escola quando os filhos têm problemas com os professores, 2 (dois) dos professores disseram que os pais vão à escola quando o filho enfrenta este tipo de problema, 1 (um) professor afirmou que não e 4 (quatro) afirmaram que quase sempre isso acontece.

Para saber se o filho tem estado a comportar-se bem, 2 (dois) professores responderam que sim, 2 (dois) professores que não e 5 (cinco) afirmaram que isto acontece quase sempre. Com isto nota-se que estes dão mais valor a esses tipos de problemas do que o da aprendizagem, embora se influenciam mutuamente.

Por isso esses dados permitem-nos ver que os pais se preocupam um pouco com a aprendizagem e com os problemas que influem na aprendizagem como o comportamento.

Relação entre escola e comunidade

Interrogados se já foram à zona dos seus alunos, 7 (sete) dos professores inquiridos afirmaram que nunca foram. Porém, 3 (três) já foram.

Os que foram, tinham o objectivo saber e conhecer a zona do aluno, a realidade, a distância percorrida por este, conhecer os problemas enfrentados, saber o porquê do atraso dos alunos no 1º tempo. No dizer deles, este trabalho resultou porque assim, passaram a conhecer melhor os problemas dos alunos.

Isto prova, por um lado, que apenas esses três professores têm consciência da influência desse factor no processo de ensino e aprendizagem. Por outro lado, esses dados deixam transparecer que quando o professor se interessa pelos problemas do aluno e lhe dá uma atenção individualizada o resultado é gratificante para os dois, porque o professor fica bem informado acerca deste e o aluno sentirá que ele é tido em conta, que o professor se preocupa com ele e, conseqüentemente, pode interessar-se mais pela aprendizagem, ficando mais motivado e passando a colaborar mais com o professor para o recompensar. Deste modo o aluno terá mais condições para aprendizagem.

No entanto, os dados deixam-nos preocupadas porque a maioria nunca teve esta preocupação. Achamos que este caso carece de um estudo mais aprofundado a fim de se identificar as suas causas e de propor soluções adequadas.

A respeito do convite aos pais, maioria dos professores inqueridos responderam que convidam os pais a irem à escola e apontaram as seguintes finalidades:

Educativas

“Ajudar a saber lidar com os seus filhos e saber inculcar neles uma boa educação e poder resolver os problemas encontrados;”

“Para informar-lhes do comportamento e aproveitamento dos seus filhos;”

Melhorar/informar-se do desempenho conhecer a realidade escolar

“Afim de obter alguns subsídios para melhorar o desempenho dos alunos e dar-lhes a conhecer a realidade escolar e o aproveitamento;”

Melhorar o desempenho

“Para acompanhar o aproveitamento dos filhos e inteirar dos problemas e dificuldades dos mesmos;”

“Para informar-lhes sobre o aproveitamento dos filhos e junto deles pensar numa proposta para ajudar o aluno ao longo do processo de aprendizagem;”

Participar na vida escolar e informar-se a respeito do filho

“Porque a participação dos pais, encarregados de educação na vida escolar é fundamental. Eles devem ter o conhecimento de todo o que acontece com os seus filhos;”

Conhecer a realidade escolar

“Para se inteirarem do ambiente onde o seu educando está inserido, passar informações e conhecê-lo;”

“A finalidade é fazer com que os pais se inteiram das actividades que são desenvolvidas na escola;”

“Para manter os pais, encarregados de educação informados da situação dos alunos;”

Sendo assim, verificámos que os professores têm consciência da importância do conhecimento da realidade escolar por parte dos pais, sobretudo, na optimização do processo de ensino e aprendizagem dos filhos. O aspecto mais preocupante é o facto de esses não se referirem à co-responsabilização didáctico pedagógico dos mesmos como uma mais-valia nesse processo.

Os resultados dos convites, no dizer desses professores, são os seguintes:

“O resultado é positivo”; “Satisfatórios”; “Bastante positivos para os que se dignaram a comparecerem”; “Bons resultados”; “Têm sido positivo”; “Sempre bons. Pois, com a colaboração dos pais tudo se torna fácil”; “Muitos dos pais não têm aparecido na escola”; “Muito fraco porque não muda nada”.

A maioria dos professores que convidaram os pais e encarregados de educação afirmou que com a visita os resultados melhoram.

Contribuição dos pais e encarregados de educação no ensino e aprendizagem da LP

Em termos da contribuição que os pais podem dar para o sucesso dos alunos na aprendizagem de LP, todos os professores são unânimes em afirmar que sim, e apresentaram as seguintes estratégias:

“Diálogo, escrita, principalmente, na pronúncia do português e a compreender a gramática em casa;”

“Acompanhando o estudo do filho, colocando-os em aulas de apoios;”

“Podem oferecer aos seus filhos alguns materiais didácticos como: livros; e há pais que podem até ajudar os filhos a entenderem os conteúdos escolares;”

“Desde criança estimulando os seus filhos através de presentes didácticos: livro;”

“Incentivando-os a falar português, oferecendo-lhes livros e na escolha de programas de televisão;”

“Ajudando-lhes em casa com os conteúdos, os estudos e na leitura de diferentes livros;”

“Dando-lhes explicações necessárias que eles precisam; facultar todos os materiais escolares;”

“Incentivar os filhos a reconhecer a importância da LP;”

“Acompanhando adequadamente os filhos em casa e na escola, através de contacto permanente com os professores para orientação;”

“Trabalhando em casa com os filhos.”

Estas respostas demonstram-nos que os professores estão crentes que os pais podem, sempre, dar contribuições pedagógico-didáticas valiosas no ensino e aprendizagem dos educandos através de inúmeras estratégias e motivações.

Em relação aos casos que já resultaram positivamente, 5 (cinco) professores não testemunharam nenhum caso. No entanto, 5 (cinco) já testemunharam e apresentaram os seguintes exemplos:

“Tenho muitos alunos que falam e escrevem textos muito bem por causa da ajuda dos pais, tanto em casa como na escola;”

“Tive dois alunos que tinham dificuldade com a LP, estiveram nas aulas de recuperação e estão agora sem problemas;”

“Tive uma aluna que devido às ajudas dos familiares fala um bom português, ela é criativa e activa;”

“Com a participação activa e presente dos pais os alunos mostraram melhorias consideráveis no seu trabalho;”

“Vejo que os pais que auxiliam os filhos em casa nos estudos da LP, estes são mais espertos, activos em falar e escrever a referida língua.”

Portanto, esses professores testemunharam que o apoio dos pais resulta. Isto demonstra que este factor é fundamental quando se deseja ter êxito no ensino e aprendizagem.

Quanto ao apoio dos pais aos filhos em relação a LP, 5 (cinco) professores disseram que não há apoios, 1 (um) revela que sim, e 4 (quatro) afirmaram que sim, que alguns apoiam.

De facto reconhecemos que há muitos pais e encarregados de educação que desconhecem as necessidades escolares dos filhos e isso dificulta o processo.

Dos que afirmaram que os pais apoiam os filhos, apresentaram as seguintes justificações:

“Costumam dar apoios materiais, sobretudo nas realizações de concursos de leitura e escrita. Concursos estes que têm vindo a incentivar os nossos alunos, a interessar-se mais pela leitura e escrita, a preocupar-se com os erros ortográficos etc;”

“Colocam os filhos a estudar e a praticar a leitura;”

“Através de materiais didáticos, apoio moral e presentes para uma maior motivação;”

“Acompanhamento dos filhos no estudo, estabelecimento de horários para o estudo de LP. E os resultados são satisfatórios;”

“Materiais como os antigos livros, que são bons para a aprendizagem de LP.”

Com esses tipos de apoio que os professores mencionaram vê-se que de certa forma os pais apoiam os filhos (com estímulos, prendas, apoios didáticos pontuais, acompanhamento, matérias). Reconhecemos que todos esses apoios são muito úteis e que optimizam a aprendizagem da LP.

Aproximação entre a escola e a comunidade

Relativamente à aproximação entre a escola e a comunidade, todos os professores inqueridos foram unânimes em afirmar que é importante para a aprendizagem da LP pelos seguintes motivos:

Valorizar a Língua Portuguesa e ajudar os alunos

“Pois, só assim podemos mostrar-lhe a importância dos mesmos e saber ajudar melhor os nossos alunos;”

“Porque o aluno ganha outras habilidades e aprende novas estratégias;”

“Assim fica mais inteirado dos problemas e contribui para a sua resolução;”

“Com a presença dos pais na escola podemos orientá-los no sentido de ajudar os seus filhos;”

“Com essa aproximação os pais ficam a saber a melhor forma de ajudar os seus filhos a aprender a LP;”

“Garante maior facilidade no processo ensino e aprendizagem;”

“Assim, a comunidade teria a real percepção das dificuldades e passaria a ser uma luta não só da escola para a sua superação.”

Por obrigação

“Porque a educação e o ensino são tarefas de todos.”

Informar-se sobre o educando

“Facilita a troca de informações sobre os educandos.”

Sensibilizar

“Assim, será provável sensibilizar os pais da necessidade e importância da LP.”

Verifica-se que os docentes estão cientes da importância da aproximação entre a escola e a comunidade, sobretudo, reconhecem que ela pode ajudar os alunos a superarem as suas dificuldades.

Quanto à realização de algo para essa aproximação 7 (sete) professores afirmaram que nunca promoveram nada neste sentido, mas 3 (três) fizeram já alguma coisa como:

“Reunião como todos os pais e reunião individual;”

“Num dos encontros com os pais tivemos sessões de orientações, onde vimos por ex: simulação de uma situação que mostra como os pais podem ajudar os seus filhos na aprendizagem de LP;”

“Trimestralmente reúno com os pais e encarregados de educação o que tem trazido bons resultados.”

Através destas justificações pode-se notar que em certa medida alguns professores se preocupam em reunir com os pais para lhes informar do comportamento e aproveitamento do seu educando e até em capacitá-los para apoiarem os filhos em LP. Contudo, o que se nota é que a maioria deles não teve esta preocupação.

No que tange à realização de algo por parte da escola para a aproximação escola e comunidade, 7 (sete) professores afirmaram que não têm conhecimento e 3 (três) responderam que sim e apresentaram as actividades realizadas, como por exemplo:

“Encontro com os pais, encarregado de educação, palestras e dramatização tendo o publico alvo pais/comunidade, etc.;"

“Reuniões, palestras e actividades culturais, mas o objectivo de facto nunca foi alcançado;”

“Criação de Associação de pais e/ou encarregados de educação.”

Os dados mostram que os professores não estão interessados por esse assunto porque se a escola promove essa actividade todos deveriam dar conta. Segundo esses 3 (três) professores a escola demonstra-se interessada em envolver a comunidade nesse processo. Achamos que este é mais um caso que merece ser estudado para se saber as causas e pensar nos mecanismos de remediação. É de realçar que a situação é preocupante porque os professores, apesar de parecerem ter alguma consciência da responsabilidade e do papel da comunidade neste processo, não distinguem a comunidade da família, pois as actividades promovidas envolvem mais os pais do que a comunidade.

Entretanto, estes encontros e actividades promovidos pela escola, com os pais, são de extrema importância, na medida em que a escola acaba por lhes mostrar que está interessada na participação deles nos assuntos escolares e que estão empenhados em obter as suas opiniões para o êxito do ensino e aprendizagem dos alunos.

Estratégias de aproximação da escola à comunidade

No que se refere às estratégias que deveriam ser implementadas junto dos pais, encarregados de educação e comunidade para otimizar a aprendizagem da Língua Portuguesa no 1º ciclo, os professores inquiridos são de opinião de que:

“A complexidade da questão não permite indicar uma estratégia ideal e prática. Mas a aproximação da escola dos pais seria um começo;”

“O ensino à comunidade sobre a importância da LP;”

“ Promover as assistências de aulas de LP por parte dos pais, fazer palestras sobre a importância dessa língua;”

“Convencer os pais, comunidade a comparecer mais na escola, a dar mais atenção aos filhos;”

“Debates sobre a LP, palestras sobre o contributo da união escola/comunidade; informações sobre a mesma língua;”

“Deveria-se criar uma guia para os pais e encarregados de educação onde poderiam consultar e avaliar a tarefa deles;”

“Sensibilizá-los para a importância da LP, procurar envolvê-los mais na educação dos filhos;”

“Primeiro seria a aproximação da escola; depois sensibilizá-los para a prática da leitura em casa e na sociedade;”

“Convívios e palestras, mostrando a importância da LP na vida estudantil dos seus educandos;”

“Penso que seria importante apresentar aos pais, encarregados de educação o programa curricular da LP e não só.”

Todos os professores foram unânimes em afirmar que existem estratégias que deveriam ser promovidas junto dos pais, encarregados de educação e comunidade para promover a aprendizagem da Língua Portuguesa. Também apresentaram boas estratégias para essa aproximação. Isto significa que têm consciência dessa necessidade e que têm ideias interessantes a esse respeito. Resta investigar para se saber porquê que essas ideias não são postas em prática.

De qualquer forma, isto é um bom começo, porque demonstra que os docentes estão informados e que poderão opinar junto da escola para melhorar situação e quiçá promover actividades para tal.

Por último, alguns professores avaliaram este questionário dizendo que:

“Este questionário é importante porque contribui para as informações do ensino e aprendizagem de LP no 1º ciclo e as informações da aproximação da escola/família e comunidade;”

“Nós também pesamos um pouco no que estamos a fazer e o que vamos fazer para melhorar o ensino;”

“Acho pertinente a escolha deste tema e espero que este trabalho traga bons subsídios para a escola e a comunidade em geral;”

“Acho oportuno pois todos devem dar o melhor para o ensino da LP.”

2.4.3 Dados dos pais e encarregados de educação

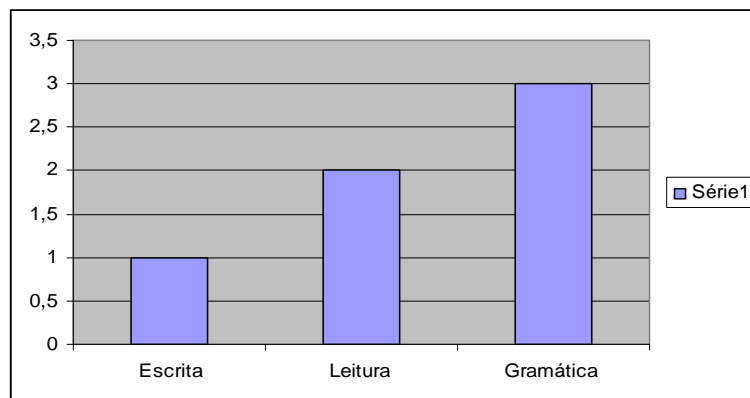
Dificuldades na Língua Portuguesa

No que tange às dificuldades na Língua Portuguesa, 6 (seis) pais/encarregados de educação afirmaram que os seus filhos não as têm. Porém, 4 (quatro) afirmaram que os seus filhos deparam com esse constrangimento.

Relativamente às competências em que os seus educandos apresentam maiores dificuldades, (como se pode ver no gráfico 15), 3 (três) pais e encarregados de educação afirmaram que os seus educandos estão com problemas na gramática, 2 (dois) na leitura e 1

(um) na escrita. Isto mostra-nos que eles estão atentos às dificuldades apresentadas pelos filhos.

Gráfico 15- As competências em que os educandos apresentam maiores dificuldades



Foram-lhes pedido a identificação das causas dessas dificuldades. Assim, responderam que:

“O filho tem falta de hábito de leitura.”

“Dificuldade em ler, escrever na parte gramatical porque não entende a explicação.”

“Não tem a Gramática em casa.”

“Fraca base no EBI e estuda pouco.”

Nota-se que alguns pais estão capacitados até para identificar as causas das dificuldades que os seus educandos têm. Isto indica que alguns deles acompanham os filhos. No entanto, a situação é preocupante porque os outros não se pronunciaram. Isto indica que eles ou não estão atentos, ou não têm capacidade para acompanhar os filhos e identificar as suas dificuldades.

Apoio dos pais e encarregados de educação

Quanto à ajuda dos pais/encarregados de educação aos filhos no estudo da disciplina de LP, 3 (três) pais não auxiliam os seus filhos. Desses, apenas 1 (um) justificou dizendo que é devido à *“Falta de capacidade para entender as matérias dadas nas aulas.”*

Porém, 7 (sete) deles afirmaram que apoiam os filhos no estudo da referida disciplina através de *“incentivo moral; compra de gramática, livros literários, cadernos, prontuários, livros da referida classe, dicionários, enfim, todos os materiais escolares necessários; incentivo a ter mais hábito de leitura, a fazer cópias e estudar; estudar com os professores nos períodos que não tem aulas, explicação e prática da leitura”*.

Como já tínhamos referido anteriormente, os pais mais habilitados estão mais em condições de apoiar os filhos. Estes dados comprovam estes factos. Os que demonstram que ajudam os filhos, fazem-na de forma adequada.

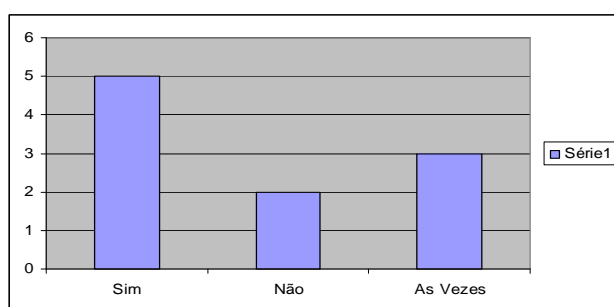
A maioria auxilia e reconhece as dificuldades dos filhos, o que comprova que os pais que possuem algum nível de escolaridade estão mais em condições de ajudar os seus filhos tanto na escolha da compra dos materiais didácticos como no apoio em casa com os estudos.

Quanto aos materiais essenciais de LP, 3 (três) pais afirmaram que eles não os têm por falta de condições financeiras, mas 7 (sete), os mais escolarizados, possuem os materiais didácticos em casa como livros literários, gramáticas, prontuários, dicionários, livro de exercícios para os alunos, etc.

Relação dos pais e encarregados de educação com a escola

Os dados recolhidos (como se pode averiguar no gráfico seguinte) indicam que nem todos os pais/encarregados de educação se dirigem à escola para se inteirarem do desempenho/situação dos seus educandos, porque dos inquiridos, 5 (cinco) afirmaram que sim, 2 (dois) que não e 3 (três) que às vezes fazem isso.

Gráfico 16- Deslocação dos pais e encarregados de educação à escola



O gráfico que a seguir se apresenta, dá conta das condições em que se dirigem à escola.

Assim, pode-se ver que a maioria (4) deslocar-se à escola no momento das reuniões com os directores de turmas, outros (3) para saber do comportamento do filho, alguns (2) sem serem chamados, outros (2) quando são solicitados pelo director da escola ou para saber como podem ajudar os seus filhos a superar as dificuldades na disciplina de Língua Portuguesa e outros (1) quando os filhos têm problemas com os professores e negativa na mesma disciplina.

Gráfico 17- Condições em que se dirigem à escola

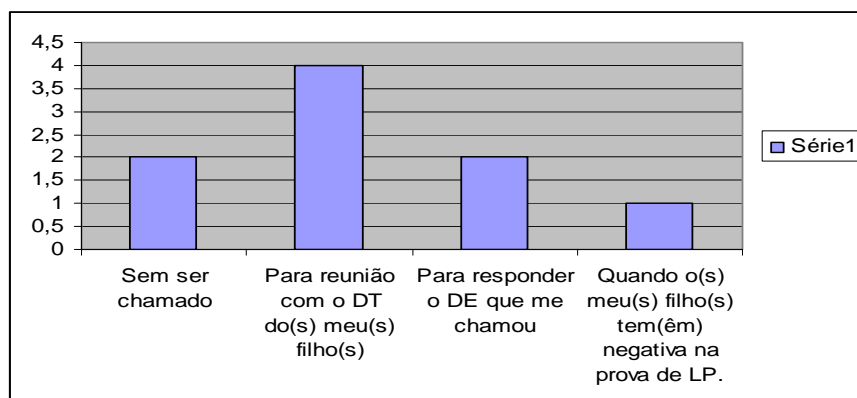
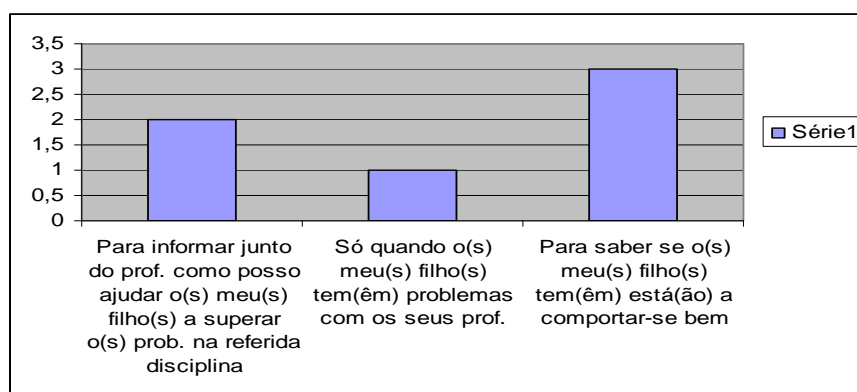


Gráfico 18- Motivos da ida à escola



Também tivemos a preocupação de informar se os pais se preocupam com a prática da LP em casa, ou se criam condições para isso, levando em conta que este factor é uma mais-valia para o ensino e aprendizagem da mesma língua. Assim, interrogados sobre esse assunto, a maioria dos pais e encarregados de educação inquiridos afirmaram que usam o crioulo para comunicar com o seu filho. Somente 2 (dois) disseram que o usam às vezes e raras vezes, quando o educando estuda e quando o acompanham nos estudos e na interpretação de textos.

Esta situação é natural, visto que a LP, não sendo a língua materna, não é a língua de comunicação do quotidiano. Vê-se que, neste caso, o seu uso é propositado, é numa situação pontual. Isto significa que só os que acompanham os filhos é que fazem isso.

Em relação ao convite da escola aos pais e encarregados de educação para participarem em alguma actividade, 3 (três) afirmaram que não foram convidados e 7 (sete) aceitam que sim. Porém, interrogados sobre a ocasião em que isso acontece, somente 4 (quatro) afirmaram que participam sempre. 3 (três) às vezes e 3 (três) nunca participaram.

Portanto, a maioria afirmou que participa, apresentando as seguintes justificações:

“Inteirar da situação da escola do seu filho.”

“Porque é importante para ele.”

“Porque é importante.”

“É importante para saber se o meu filho está a portar-se bem.”

Os que disseram que participam às vezes justificaram que:

“Vão para saber como o meu filho se comporta.”

“São interessantes e dão informações a fim de ter mais conhecimento do meu filho.”

“Porque acho que é bom. Mas às vezes o tempo é curto.”

Estes dados demonstram que os pais/encarregados de educação têm consciência da importância da visita à escola. Vê-se que a maioria está interessada em saber do comportamento e aproveitamento do filho, e que se desloca à escola com o propósito de obter essas informações. Com isso pressupõe-se que vão tomar alguma medida adequada às necessidades dos seus educandos.

Os que nunca participaram nessas actividades afirmaram que:

“Não foi informada acerca dessas actividades.”

“Por falta de tempo.”

“Porque não foi convidada.”

Estes dados são preocupantes, pois vê-se que estes pais/encarregados de educação não têm consciência do papel deles na educação e acompanhamento escolar dos seus filhos. Deixam a cargo da escola a educação e formação dos filhos, porque esperam para serem chamados pela escola. Esta atitude é retrato de muitos pais, e tem sido motivo de queixa de quase todos os professores. Pressupõe-se que tem sido uma das principais causas do insucesso escolar em Cabo Verde, visto que é um factor que influencia negativamente o processo de ensino e aprendizagem. Cabe à escola a tomada de iniciativa de se aproximar desses pais, visto que a família tem um papel complementar e indispensável nesse processo.

Os dados que a seguir se apresentam já são mais animadores. Esses mesmos pais foram interrogados no sentido de se saber se a escola já tomou iniciativa de os chamar, através do director de turma. Assim, todos afirmaram que o director de turma já marcou encontro com todos os pais. 9 (nove) afirmaram que participaram e 1 (um) deles disse que não participou por falta de tempo.

Os que participaram apresentaram os seguintes fundamentos:

“As informações que dão acerca do meu filho são importantes.”

“Para inteirar do comportamento do meu filho.”

“Para saber do seu comportamento e informar-me como posso lhe ajudar.”

“Para obter informações acerca dele.”

“Para saber como o se filho estuda.”

“Porque tenho o dever de ir.”

“Porque isso faz com que eu saiba como está o meu filho.”

Relativamente aos assuntos tratados nesses encontros, eles responderam que são os seguintes:

Informações sobre o comportamento, notas, avaliações, aconselhamento, interesse e desempenho do filho na escola, assiduidade e pontualidade.

Com isso vê-se que de alguma forma a escola se preocupa em comunicar com a família para tratar de assuntos que põem em causa o sucesso dos alunos e que a reconhece como principal parceira na resolução dos problemas escolares. Contudo, vê-se que nesses encontros não dão orientação aos pais para o seguimento dos filhos.

Como é sabido, a escola, os professores e os directores de turma também têm obrigação de se dirigirem à comunidade e/ou família para se inteirarem do ambiente social, económica e cultural dos alunos para poder proceder de forma adequada. Tivemos a preocupação com este assunto. Foi nesta perspectiva que perguntamos aos pais/encarregados de educação se testemunham este facto. Assim, 9 (nove) afirmaram que nunca o director da turma dos seus filhos forma às casas deles. Apenas 1 (um) respondeu que sim e disse que este foi se inteirar da situação do seu filho.

Achamos que este assunto deve ser investigado melhor, sobretudo para se saber as causas dessa atitude para que se tome medidas adequadas.

Pretendíamos também saber se os pais/encarregados de educação têm consciência da importância da LP, levando em conta que, para além de ser a Língua Oficial, ela é transversal às outras disciplinas, fazendo com que o seu fraco domínio se influa em todas as outras disciplinas. Portanto, o sucesso nas outras disciplinas depende do sucesso nessa língua. Neste sentido, inquiridos sobre este assunto, todos reconheceram que a disciplina de Língua Portuguesa é importante e apresentaram as seguintes justificações:

“O curso que meu filho pensa fazer baseia-se no português.”

“É a nossa segunda língua de comunicação.”

“Ajuda muitos alunos e também é muito importante.”

“É ela que usamos nos momentos formais.”

“É a língua utilizada nas escola, nas universidades, na comunicação social e sendo assim é bom que o aluno a aprenda desde cedo.”

“ É ensinada e falada nas escolas.”

“É a disciplina básica.”

Concluimos que todos os pais e encarregados de educação estão cientes da importância da Língua Portuguesa e que reconhecem o seu valor no quotidiano cabo-verdiano, em algumas profissões e no contexto académico.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O desenvolvimento desta investigação teve como objectivos informar sobre a importância da aproximação da comunidade à escola como um bem favorável para o sucesso do ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa; destacar os deveres e responsabilidades educativos dos professores, alunos, pais e encarregados de educação; identificar as causas do fracasso e sucesso dos alunos na mesma disciplina, a fim de apresentar propostas de actividades e estratégias de optimização do seu processo de ensino e aprendizagem a nível do 1º ciclo do Ensino Secundário.

A metodologia adoptada neste estudo, pela sua natureza, permitiu-nos apenas aceder ao conhecimento declarativo dos professores, alunos e pais e encarregados de educação. Com isso verificámos que há necessidade de se fazer outras investigações. Pensámos que só assim se pode ter um estudo mais completo que possibilite tomar decisões mais eficazes, na medida em que alguns dados ficaram por aprofundar.

A revisão bibliográfica e o inquérito por questionário que aplicámos aos professores, alunos, pais e encarregados de educação levaram-nos a tirar as seguintes conclusões:

- Em relação à prática da Língua Portuguesa, apesar de ser a Língua do ensino, fora da sala de aula os professores e os alunos não a usam. Em casa e na comunidade somente um número reduzido de alunos é que têm essa possibilidade, porque a comunidade e a maioria dos pais/encarregados de educação ou não estão capacitados, ou não têm consciência das suas responsabilidades educativas neste sentido;

- Quanto aos alunos, verificámos que nem todos residem com os pais (46%). Portanto é um factor que influi em termos de afectividade. Porém, pressupõe-se que a família que os acolhem têm outras condições facilitadoras da educação, pese embora os casos de avós, tios, irmãos e outros que nem sequer reconhecem o seu papel complementar no ensino. Por isso, maior parte deles entra em contacto com a escola quase exclusivamente quando é convidada

para reuniões ou quando os seus educandos têm problemas comportamentais. Portanto, o sucesso da maioria dos alunos depende exclusivamente do trabalho do professor e da dedicação e esforço dos mesmos. Melhor dito, não conta com o apoio nem da família, nem da comunidade, nem da escola onde estuda.

Em relação à consciencialização sobre as dificuldades em LP, apesar de afirmarem ter uma boa relação com os seus professores de LP, há défice na comunicação, pois, nota-se que somente 2,5% (1 aluno) reconhece que é aluno de insuficiente. O professor deve envolver melhor o aluno no processo de avaliação para que ele tenha consciência do seu nível de conhecimento.

Quanto as áreas da língua em que têm mais problemas, apontaram a gramática. Pressupomos que isso se deve ao facto desta ser a habilidade mais trabalhada e mais valorizada, como já tínhamos referido se o aluno tem dificuldade na gramática, logo têm nas outras também. Igualmente em relação à oralidade, disseram que têm menos dificuldades. Pensámos que esta afirmação deve-se ao facto de esta ser a habilidade menos trabalhada e por não ser avaliada.

Estes dados também demonstram que os alunos não reconhecem as suas dificuldades, pois, na realidade, os alunos têm grandes dificuldades na comunicação. Pressupomos que os professores e as escolas não estão a informar e/ou orientar os alunos neste sentido.

- Em relação aos professores inquiridos, verificámos que alguns têm experiência de ensino e formação na área de LP. Pensámos que este factor contribui para o sucesso de ensino da LP. Os dados adquiridos permitiram-nos concluir que o Liceu Amílcar Cabral reúne condições estruturais mínimas, mas em termos de capacitação e de experiência dos professores nessa disciplina, no 1º ciclo em particular, há défice. Apesar disso, todos eles reconhecem que o apoio dos pais otimiza o ensino e aprendizagem da referida língua. O que falta é formação/orientação pedagógica, palestra e outras por parte da escola no sentido de capacitar e sensibilizar os pais e a comunidade para esse fim.

É de realçar que a situação é preocupante porque os docentes, apesar de parecerem ter alguma consciência da responsabilidade e do papel da comunidade neste processo, não distinguem a comunidade da família, pois as actividades promovidas por eles envolvem mais os pais do que a comunidade. Nesta perspectiva concluímos que:

- Em relação à escola e à comunidade, não se promovem encontros com os seus parceiros no âmbito do assunto em questão;

- No que tange aos pais e encarregados de educação, alguns demonstraram que estão atentos às dificuldades apresentadas pelos filhos e até cumprem o seu papel de complementar a nível da disciplina de Língua Portuguesa.

- Nota-se que alguns, embora em menor número, estão capacitados até para identificar as causas das dificuldades que os seus educandos têm e ajudá-los tanto em termos pedagógicos como em termos de recursos didácticos.

No entanto, a situação é preocupante porque a maioria não se pronunciou, deixando transparecer que não está atenta, ou então que não tem capacidade para acompanhar os filhos e identificar as suas dificuldades. Desses pais/encarregados de educação poucas ou nenhuma visitas fazem para se inteirarem das situações dos filhos; não os ajudam em casa nos estudos, em especial em Língua Portuguesa e não se diligenciam no sentido de criar situações e oportunidades para a prática da LP com os seus filhos, deixando a cargo da escola e dos professores a educação e formação dos filhos. Por isso muitos não têm conhecimento das actividades promovidas pela escola e só vão aí quando são convidados para uma reunião com o Director de Turma, com a finalidade de obter informações sobre as notas e comportamento dos seus educandos.

Devemos realçar que um dos nossos principais objectivos era identificar esses factores a fim de podermos encontrar melhores estratégias que optimizem esse processo. A esse respeito concluímos que é indispensável a sensibilização os agentes educativos para uma nova postura que co-responsabilize todos para a necessidade da real aprendizagem do Português, Língua veicular do ensino não só pelos factos já apresentados, como também pelo facto de a aquisição de conhecimentos nas várias disciplinas depender grandemente do seu domínio.

Concluímos que o insucesso escolar não é só uma falha da criança, mas que é muitas vezes a falha do professor, da família, da escola e da comunidade. Sabe-se que as consequências são fatais, desiguais e têm por base uma forte desmotivação, uma baixa auto estima e um baixo auto conceito académico.

O estudo permitiu-nos notar que todos os agentes envolvidos neste estudo reconhecem que existem estratégias curriculares que ajudam no ensino da Língua Portuguesa; pensam que quando há o envolvimento dos pais/encarregados de educação, escola e comunidade no ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa o resultado é frutífero porque os alunos aprendem, praticam mais e melhor. No que tange aos professores, eles

querem fazer alguma coisa, mas as oportunidades e condições são poucas o que dificulta o seu trabalho.

Para finalizar, depois de toda a pesquisa feita, chegámos a uma grande verdade: o professor deve ter sempre em mente que para se obter êxito na aprendizagem de uma língua e dominá-la, não chega apenas o seu domínio. É preciso adquirir outros conhecimentos e habilidades: ser criativo, dinâmico, pré-dispostos para trabalhar dentro e fora da sala de aula, em estreita relação com a escola, a família e a comunidade. Sobretudo, ele deve tomar a consciência de que ele é o elemento melhor posicionado e capacitado para tomar iniciativas no sentido estabelecer a relação entre esses agentes e para os formar e informar neste sentido.

Portanto, por tudo o que já se viu, pode-se concluir que a união entre a escola e a comunidade traz resultados gloriosos no ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, através das imensas informações prestadas no processo do envolvimento das mesmas.

Ao longo deste trabalho, percebemos que há uma necessidade da escola trabalhar em parceria com a comunidade envolvente, conhecê-la em todos os domínios, promover actividades que enfoquem a Língua Portuguesa para que o seu estudo e prática se tornem significativos para os alunos.

Deste modo, torna-se necessário que o professor, ao ensinar a LP, leve o aluno a reconhecer a sua função social e criar condições para um ensino/aprendizagem prazeroso e de qualidade.

Dado que não podemos dizer nem fazer tudo, resta-nos lançar desafios aos outros agentes educativos para outras investigações, onde também se possa reflectir sobre esta temática no sentido de a aprofundar e de abordar outros aspectos não mencionados, tendo sempre em vista a renovação pedagógico-didáctica, a sensibilização de todos os agentes educativos para o sucesso de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa como Língua Segunda e para o progresso de sistema educativo cabo-verdiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMOR, Emília, (1993). *Didáctica do Português - Fundamentos e metodologia*. Texto editora. II parte. Lisboa.
- ARENDS, Richard, (1995). *Aprender a ensinar*. 2ªed. Graw-Hill. São Paulo.
- BRITO, Arminda, (s/d). *A Língua Portuguesa no espaço linguístico caboverdiano*. NORTISUL.
- BZUNECK, José Aloyseo, (1998). *Motivar seus alunos: sempre é um desafio possível*. 3ªed. Lisboa.
- ESTRELA, Maria Teresa, (1992). *Relação Pedagógica. Disciplina e Indisciplina*. Porto Editora. Porto.
- FARIA, Luciano Mendes, (2000). *Para entender a relação escola-família, uma contribuição da história da educação*. Editora Ática. São Paulo.
- FRADA, João José Cúcio, (2001). *Guia prática para a elaboração e apresentação de trabalhos científicos*. Edições Cosmos. 11ª edição. Lisboa;
- GERALDI, João Wanderley, (2000). *O texto na sala de aula*. Editora Ática. São Paulo.
- GETHAD, Stefan et al. (1988). *Dentro e fora da aula – problemas da orientação pedagógica*. Editora Porto. Brasília.
- GOMES, M. Amélia (2008). *Representações sobre o uso da Língua Cabo-verdiana em aula de Português*. Universidade de Aveiro. Departamento de Didáctica e Tecnologia Educativa. Dissertação de Mestrado (não publicada).
- HOME, Shvoong, (2008). *Revisão de Ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa no 3º e no 4º Ciclo, Ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa no 3º e no 4º Ciclo*. Ática. São Paulo.
- Lei do Sistema de Educação Primária (LBSE) n ° 103/III/90 de Dezembro (LBSE N° 103/III/90 de Dezembro).

- LOBO, M. Helena, (2008). *A Língua Portuguesa como Língua Segunda nos 7º e 8º anos do Ensino Secundário em Cabo Verde. Contributos para a Formação de Professores*. Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Dissertação de Mestrado (não publicada).
- MONIZ, Carlos, (2008). *Factores do (in)sucesso escolar na disciplina da Língua Portuguesa no 2º Ciclo do Ensino Secundário em Cabo Verde – Contributo para o seu estudo*. Universidade de Aveiro-Departamento de Didáctica e Tecnologia Educativa. Dissertação de Mestrado (não publicado).
- MORAIS, Artur Gomes, (2000). *Ortografia: ensinar a prender*. Editora Ática. 1ªed. São Paulo.
- PERLOIRO, Maria de Fátima, (2003). *Família e escola desenvolver uma relação construtiva*, In Revista Voz da Verdade, ano66.nº3616, Dir. Pe Nuno Brás. São Paulo.
- PILETTI, Nelson, (1993). *Sociologia da Educação*. Editora Ática. São Paulo.
- REIMÃO, Cassiano, (1997). *A cooperação entre a escola e a família - Uma exigência de modernidade*. 3ªedição. Lisboa.
- TOMO, Cristina, (1992). *Módulo de Formação Escola Comunidade*. INSITEC. Moçambique-Maputo.
- TORRINHA, Francisco, (1996). *Dicionário escolar de Língua Portuguesa*. Editora Notícias. 1ª ed. Lisboa.
- ZILBERMAN, Regina, (1990). *Literatura Infantil: livro, leitura, leitor*. In: ZILBERMAN, Regina (Org.) 4ª ed. *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto.

REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

- BANDIMAN, Heron, et. al. (2007). *A redução do fracasso escolar através de actividades extra-curriculares: os dois lados da moeda*. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/250.%20a%20redu%C7%C3o%20do%20fracasso%20escolar%20atrav%C9s%20de%20atividades%20extra-curriculares.pdf. Acesso em 10-08-10.
- BERNARDO, Ima (2005). *A escola multicultural e o ensino de português língua segunda*. Universidade Internacional: Centro de estudos Multiculturais. Disponível em: www.muticulturas.com/images/escola_multicultura_label-Bernardo.pdf, pdf. Acesso em 13-12-2009.

BERNARDO, Juliana, (2009). *Alfabetização, 11 maneiras de ajudar na alfabetização do seu filho*. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/ajudar-alfabetizacao-seu-filho-470463.shtml>. Acesso em 10/08/2010.

GOMIDE, Camilo, (2010). *Educação em todo o lugar*. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/perguntas-de-pais-para-professores-425042.shtml> . Acesso em 10-09-10.

MORAES, Rosaria Lanzotti & KUDE, Vera Maria, (2007). *A importância da parceria entre a escola e a família no ensino fundamental*. Disponível em: www.professoremestre.com.br. Acesso em 28/10/09.

VILAS-BOAS, Maria Adelina, (1995). *A relação escola-família-cmunidade na Problemática da formação de professores*. Universidade de Lisboa (FPCE). Disponível em: gepae@oninet.pt . Acesso em 12-07-2008.

PEREIRA, Teresa Sofia Neves Pombo, (2009). *Comunidade virtual de aprendizagem*. Disponível em: www.profteresa.net <http://umpercurso.blogspot.com>. Acesso em 28-04-2010.

CAMPOS, Adriana, (2001). *Insucesso Escolar*. Disponível em: www.infopedia.pt. Acesso em 26-03-2001. Disponível em: http://www.dgicd.min-edu.pt/lingua_portuguesa/linguaportugmundo.asp. 12-08-2009. Ethnologue, Languages of the World, 13ª edição. 1999. P.1-5. Acesso em 28-07-10.

CORTESÃO, Luiza & STOER, Setephen (2008). *Comunicação- Escola- Família: qual o papel da oralidade e da escrita?* Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC8/8-dialogos.pdf> . Acesso em 10-08-10.

LEITE, Alda Fernanda Correia, (2010). *Os modelos tradicionais de ensino e a sociolinguística* Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/41807/1/OS-MODELOS-TRADICIONAIS-DE-ENSINO-E-A-SOCIOLINGUISTICA/pagina1.html>. Acesso em 10-08-10.

ANEXOS

ANEXO 1

Gráfico 1 – Alunos que frequentam a escola discriminados por sexo.

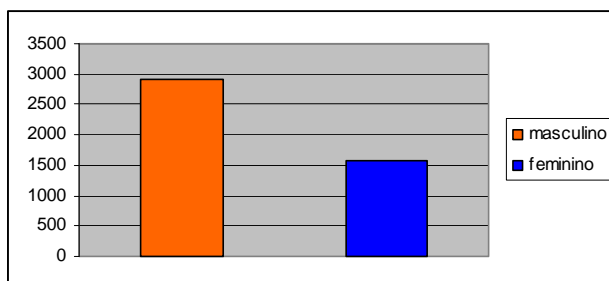


Gráfico 2 – Alunos que frequentam a escola por nível de ensino

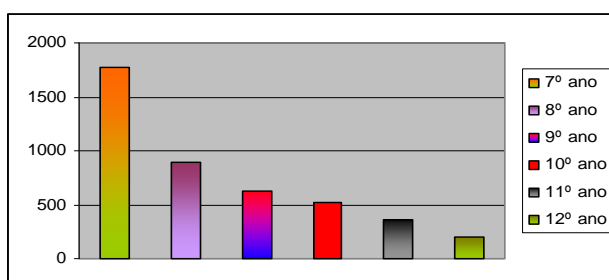


Gráfico 3 – Distribuição dos professores (as) por habilitação literária

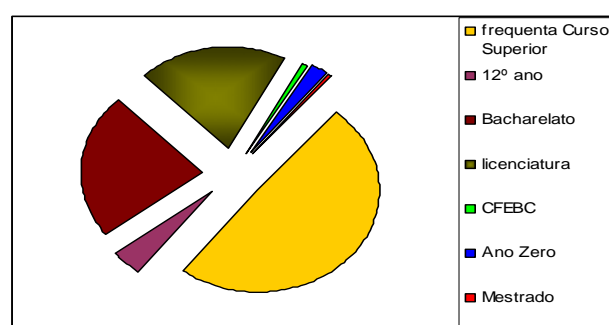
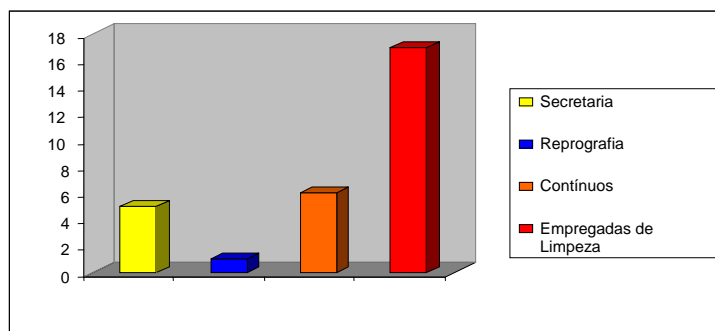


Gráfico 4 – Pessoal não docente por áreas de trabalho



ANEXO 2 QUESTIONÁRIO

O presente questionário destina-se aos alunos do 1º ciclo de escolaridade do Liceu Amílcar Cabral, com vista a recolher os dados que nos permitam construir de uma forma consistente o projecto da formação que culminará na Monografia de Licenciatura, cujo tema é **Entre a escola, a comunidade e a família: estratégias para a optimização do processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa no 1º ciclo do Ensino Secundário.**

É de salientar que as informações solicitadas abaixo são estritamente confidenciais e se destinam essencialmente ao trabalho.

Muito obrigada pela sua atenção e disponibilidade.

1-Identificação

1.1-Nome (fictício ou em código) _____

1.2-Idade ____ anos; Sexo: M ____ F ____; Ano de escolaridade _____

1.3-Residência: Campo ____ Cidade _____

1.4-Com quem tu vives? _____

1.5-Quem é o teu encarregado de educação? Pai ____ Mãe ____ Outro (diz quem é) _____

1.6- Qual é a sua profissão (se são seus pais indica a profissão dos dois) _____

2-Qual as habilitações literárias do teu encarregado de educação? (se o teu encarregado de educação não é nem teu pai, nem tua mãe preenche a coluna referente a outros):

	Outros		
	Mãe	Pai	
a-Não sabe ler nem escrever.			
b-Sabe ler e escrever sem frequentar a escola.			
c-Ensino Básico Primário (4ª classe).			
d-6º ano de escolaridade (antigo 2º ano).			
e-9º ano de escolaridade (antigo 5º ano).			
f-11º ano de escolaridade (antigo 7º ano)			
g-12º ano de escolaridade (antigo ano zero).			
h-Curso Médio.			
i-Bacharelato			
j-Licenciatura			
k-Outras (diz qual)			

3- Os teus pais, encarregados de educação vai à escola saber da tua informação (escolhe sim ou não)?

Não _____

Sim	
a-Frequentemente	
b-Às vezes	
c-Raras vezes	

3.1- Se sim diz em que condições isso acontece.

a-Sem ser chamado	
b-Só quando é chamado.	
c-Sem ser chamado e quando é chamado.	

3.2-Com que objectivo(s) vai à escola?

a-Quando tenho alguma problema de comportamento.	
--	--

b-Só quando tenho problemas com os colegas.	
c- Só quando tenho problemas com os professores.	
d-Para informar-se do meu aproveitamento.	
e-Para saber se estou a portar-me bem.	

4-Alguem te ajuda a estudar a LP em casa? Não ____ Sim ____

4.1- Se respondeu sim, diz quem? _____

4.2- Essa pessoa mora contigo? Não ____ Sim ____

4.3-Os teus pais encarregados de educação participa(m) nas actividades escolares?

Não ____ Sim ____ Às vezes ____

4.4- Se respondeste sim ou às vezes indica-a(s).

5-Já alguma vez repetiste algum ano? Não ____ Sim ____

5.1- Se sim, diz quantas vezes. ____ Em que ano ____

5.2- Se costumavas repetir, diz se tinhas dificuldades em Língua Portuguesa nos anos em que reprovaste? Não ____ Sim ____

5.3- Já passaste de ano alguma vez com deficiência em Língua Portuguesa? Não ____ Sim ____

5.4- Se respondeste sim, indica o motivo.

5.5- Como consideras o teu nível de conhecimento na disciplina de Língua Portuguesa?

Muito Bom ____ Bom ____ Suficiente ____ Insuf ____

5.6- Como consideras as seguintes áreas/conteúdos da disciplina de Língua Portuguesa?

	Muito fácil	Fácil	Razoável	Um pouco difícil	Difícil
a- Leitura					
b- Interpretação de texto oralmente					
c- Interpretação de texto por escrito					
d- Falar					
e- Escrever					
f- Gramática ou funcionamento da língua.					
g- Outros (diz qual)					

5.7- A disciplina de Língua Portuguesa é importante para a tua formação? Sim ____ Não ____

5.8- Porquê? _____

6- No Ensino Secundário que língua o teu professor de LP usa?

	Língua Portuguesa	Crioulo
a- Para contar anedota, adivinha...		
b- Para zangar ou chamar atenção dos alunos.		
c- Para esclarecer os conteúdos.		
d- Para conversar fora da sala de aula.		
e- Para corrigir os trabalhos.		
f- Para dar aulas.		

6.1- Qual é a língua que os outros professores falam na sala de aula?

Crioulo ____ Português ____ Português e crioulo ____

6.2- Os professores das outras disciplinas fazem correcções da Língua Portuguesa (responde sim, não ou às vezes)?

Não ____

Sim	
a- Oral	
b- Escrita (nas provas e nos cadernos)	
c- Oral e escrita	

Às vezes	
a- Oral	
b- Escrita (nas provas e nos cadernos)	
c- Oral e escrita	

7-Assinala com uma cruz a(s) característica(s) que corresponde(m) ao teu professor(a) da Língua Portuguesa:

	Pouca	Razoável	Muito bom
a- Capacidade de relacionamento com os alunos.			
b- Competência pedagógica (capacidade de ensinar)			
c- Competência científica (se sabe aquilo que ensina) Interpretação de texto por escrito			
d- Dinamismo (se dá aulas interessantes/activas)			
e- Diversificação das estratégias (formas de dar as aulas)			

7.1-Gosta da forma como ele(a) te ensina? Sim ____ Não ____

Porque? _____

8-Alguma vez, alguém da tua escola já foi à tua zona para saber da tua situação ou dos teus colegas? Sim ____ Não ____

8.1-Se sim diz que foi? _____

8.2-O que foi fazer?

9-Diz alguma coisa sobre o assunto deste questionário, que não te foi perguntado.

ANEXO 3 QUESTIONÁRIO

O presente questionário destina-se aos pais ou encarregados de educação dos alunos do 1º ciclo de escolaridade do Liceu Amílcar Cabral, com vista a recolher os dados que nos permitam construir de uma forma consistente o projecto da formação que culminará na Monografia de Licenciatura, cujo tema é **Entre a escola, a comunidade e a família: estratégias para a optimização do processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa no 1º ciclo do Ensino Secundário.**

É de salientar que as informações solicitadas abaixo são estritamente confidenciais e se destinam essencialmente ao trabalho.

Muito obrigada pela sua atenção e disponibilidade.

1-Identificação

1.1.Nome (fictício ou em código)

1.2.Idade ___ anos 1.3.Sexo: M ___ F ___ 1.4. Residência: Campo ___ Cidade ___

1.5.Habilitações literárias: _____ -

2. O seu filho tem dificuldades na aprendizagem de Língua Portuguesa? Sim ___ Não ___ Não sei ___

2.1. Se disse que não sabe diga porquê.

2.1 Se respondeu sim indique-a(s):

Competências	
Leitura	
Interpretação de textos	
Fala	
Escrita	
Gramática	

2.2. Sabe qual é (são) a(s) razão(ões) da(s) sua(s) da referida(s) dificuldade(s)? Sim ___

Não ___

2.2.1. Se não sabe diga porquê.

2.2.2. Se sabe a(s) razão(ões) aponte-as.

2.3. Você ajuda (ou procura ajuda para) o seu filho no estudo da disciplina de Língua Portuguesa? Sim ___ Não ___

2.3.1. Se respondeu sim, diz o que faz para isso:

2.4. O(s) seu(s) filho(s) tem(êm) os materiais essenciais de Língua Portuguesa?

Sim ___ Não ___ Não sei ___

2.4.1. Se respondeu sim indique-os.

2.4.2. Se respondeu não ou não sei diga porquê.

2.5. Você dirige ao professor de Língua Portuguesa para se informar sobre o desempenho do seu filho na referida disciplina? Sim _____ às vezes _____ Não _____

2.5.1- Se sim ou às vezes diga em que condições isso acontece.

Sem ser chamado	
Só quando sou chamado	
Para reunião com o director de turma do(s) meu(s) filho(s)	
Para responder o director da escola que me chamou	
Quando vejo que o(s) meu(s) filho(s) está(ão) com alguma dificuldade na disciplina de Português	
Quando o(s) meu(s) filho(s) tem(êm) negativa na prova de Língua Portuguesa	
Para informar junto do professor como posso ajudar o(s) meu(s) filho(s) a superar o(s) problemas na referida disciplina	
Só quando o(s) meu(s) filho(s) tem(êm) problemas com os seus colegas	
Só quando o(s) meu(s) filho(s) tem(êm) problemas com os seus professores	
Para saber se o(s) meu(s) filho(s) tem(êm) está(ão) a comportar-se bem	

2.6. Que língua usa, em casa, para comunicar com o(s) seu(s) filho(s)?

	Não	Sim		
		Frequentemente	às vezes	Raras vezes
Crioulo				
Português				

2.6.1- Se comunica com o seu filho em Português diga em que circunstância, isso ocorre?

3. O liceu que o(s) seu(s) filho(s) frequenta(m) já lhe convidou alguma actividade? Sim _____ Não _____

3.1- Alguma vez participou nessas actividades? Sim _____ Nunca _____ Às vezes _____

3.2. Porquê?

4- O director da turma do seu filho, já marcou encontro ou reunião consigo na escola?

Sim _____ Não _____

4.1. Se respondeu sim, diga se participou. Sim _____ Não _____

4.2. Porquê?

4.3. Se participou diga qual foi o assunto tratado.

5. O director da turma do seu filho já foi alguma vez à tua casa? Sim _____ Não _____

5.1. Se respondeu sim, diga qual foi o assunto que ele foi tratar.

6- Acha importante a disciplina de Língua Portuguesa? Sim ____ Não ____

6.1. Se sim, explique o motivo.

ANEXO 4 QUESTIONÁRIO

O presente questionário destina-se aos professores do 1º ciclo do Liceu Amílcar Cabral, com vista a recolher os dados para a elaboração, de uma forma consistente, da Monografia de Licenciatura cujo tema é **“Entre a escola, a comunidade e a família: estratégias para a optimização do processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa no 1º ciclo do Ensino Secundário”**.

É de salientar que as informações solicitadas abaixo são estritamente confidenciais e serão usados apenas no âmbito do trabalho que propomos desenvolver.

Muito obrigada pela sua atenção e disponibilidade.

1.1 Nome (fictício ou em código) _____

1.2- Idade _____ anos; 1.3. Sexo: M _____ F _____;

1.4. Formação académica _____; Formação Pedagógica

1.5 Área de formação _____

2- Situação no presente ano lectivo

2.1- Cargo(s) _____

2.2- Ano(s) de escolaridade que lecciona _____ N° de turmas _____

2.3- Há quantos anos lecciona? _____ 2.4 Há quantos anos lecciona a Língua Portuguesa? _____

2.5- N° de horas lectivas _____ 2.6- N° de horas não lectivas _____

3- Exige ao aluno que fale a Língua Portuguesa na sua aula?

Sempre	Às vezes	Raras vezes	Nunca
--------	----------	-------------	-------

3.1.

Porquê? _____

3.2- Os seus alunos têm dificuldades na Língua Portuguesa? Sim _____ Não _____

3.3- Se sim, assinale em qual (is) das competências?

	Alguma dificuldade	Muita dificuldade
Oralidade		
Leitura		
Interpretação de textos		
Escrita		
Funcionamento da língua		

4. Já tomou medidas para resolver o problema de aprendizagem dos seus alunos? Sim _____

Não _____

4.1- Se respondeu sim, aponte-as. Se respondeu não diga porquê?

5. Acha que existem estratégias extracurriculares para a optimização do processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa? Sim _____ Não _____

5.1. Se acha que sim aponte exemplos/Se acha que não justifique.

5.2. Você já promoveu alguma(s)? sim _____ Não _____

5.3. Se respondeu sim indique-a(s)/Se respondeu não diga porquê.

6- Os pais e/ou encarregados de educação dos seus alunos vão à escola?

Sim ___ Não ___ As vezes ___

6.1- Se respondeu sim ou às vezes, assinale em que condição, isso acontece:

	Sim	Não	Quase sempre
Em geral vão sem serem chamados			
Em geral só quando são chamados			
Para reunião com o director de turma do(s) seu(s) filho(s)			
Para responder o director da escola			
Quando vêm que o(s) seu(s) filho(s) está(ão) com alguma dificuldade na disciplina de Português			
Quando o(s) seu(s) filho(s) tem(êm) negativa na prova de Língua Portuguesa			
Para informar junto do professor como posso ajudar o(s) meu(s) filho(s) a superar o(s) problemas na referida disciplina			
Só quando o(s) meu(s) filho(s) tem(êm) problemas com os seus colegas			
Só quando o(s) meu(s) filho(s) tem(êm) problemas com os seus professores			
Para saber se o(s) meu(s) filho(s) tem(êm) está(ão) a comportar-se bem			

7- Costuma ir a zona de algum aluno? Sim ___ Não ___ Às vezes ___

7.1- Se respondeu sim ou às vezes, diga com que objectivo(s) e se resultou/ Se respondeu não diga porquê.

7.2- Convida os pais encarregados de educação para virem à escola?

Sim ___ Não ___ Às vezes ___

7.2.1- Se sim ou às vezes diga com que finalidade(s) o faz.

7.2.2- Qual tem sido o(s) resultado(s)?

7.3- Acha que os pais podem dar alguma contribuição para o sucesso dos alunos na aprendizagem da Língua portuguesa? Sim ___ Não ___

7.3.1- Se respondeu sim, diga como podem contribuir.

7.3.2- Você testemunhou algum caso que já resultou? Sim ___ Não ___

7.3.3- Se sim, exemplifique.

7. Os pais e/ou encarregados de educação dos seus alunos dão-lhes apoio na disciplina de Língua Portuguesa?

Sim	Alguns	
	Um número significativo	
	Maioria	

Não	
-----	--

7.1. Se respondeu sim diga que tipo de apoio costumam dar e qual tem sido o(s) resultado(s).

8. Acha que a aproximação escola/comunidade é importante para a aprendizagem da Língua Portuguesa?

Sim ___ Não _____

8.1. Porquê?

8.2- Você já promoveu algo nesse sentido? Sim ___ Não _____

8.2.1- Se sim exemplifique e diga se resultou. Se não diga porquê.

9- O liceu onde trabalha já promoveu algo para aproximação comunidade/escola nesse sentido?

Sim ___ Não _____ Não sabe _____

9.1- Se sim exemplifique e diga se resultou/ Se não diga o que acha que está por detrás dessa atitude.

10- Que estratégias acha que deveriam ser implementadas junto dos pais, encarregados de educação e comunidade para otimizar a aprendizagem da Língua Portuguesa no 1º ciclo?

11- O questionário termina aqui. Obrigada pela sua colaboração, Se assim o entender, faça um comentário a este questionário.
